

## INTRODUÇÃO

Por mais incrível que possa parecer, como é difícil trabalhar com a temática indígena nesta região. Neste trabalho tudo foi um pouco difícil: desde a escolha do tema. Mas enfim, escolhido o tema indígena, era necessário saber como entrar na tribo. Foi aí que tudo começou. A aventura.

Tive contatos com a FUNAI que, para meu ingresso na tribo do Ocoy, foi bastante exigente: documentos, comprovações, cartas de recomendação, atestados e vacinas. Quando fui fazer a documentação, os atestados e a vacinação, todos se espantaram pela minha escolha em trabalhar com índios. As pessoas são tão desinformadas nesta região sobre o trabalho antropológico que ouvi frases do tipo: “Que legal, mas é perigoso. Faz muito tempo que não se trabalha em tribo indígenas. Estas do Paraná são muito perigosas...”, ou ainda, “Trabalhar com índios? Cuidado para eles não te colocarem trabalhar na enxada ou pior, te roubarem até a roupa do corpo...”.

Enfim, encaminhei toda a documentação para a FUNAI em 06 de setembro de 2002. Levaria de 15 a 20 dias para vir a resposta autorizando ou não. E o tempo foi passando e nada. No dia 07 de novembro soube que meus documentos para o CNPq tinham ido para um setor errado e que teria que mandar tudo de novo. Aí encontrei um guerreiro ao meu lado para a luta: professor Marcus Antonio Cavalcante. Ligávamos, pedíamos quase todos os dias por alguma resposta, alguma indicação de como estavam sendo encaminhados meus papéis, quanto tempo levaria... Até o diretor de campus, Moacir Piffer, intercedeu junto ao CNPq. O tempo passando e todos os colegas desenvolvendo sua monografia e fazendo suas entrevistas. As pessoas mais próximas a mim diziam: “Também, você foi escolher o caminho mais difícil. Tem tantas outras coisas para estudar nas Ciências Sociais...” Eu escrevi até o ponto em que, sem a visita à aldeia, era impossível continuar. A ansiedade era geral: em receber os papéis, em visitar a tribo, em escrever... Foi neste momento que tive pessoas muito importantes me apoiando. Uma delas foi o professor de biologia e Coordenador Geral de Estudos e Pesquisas da FUNAI, José Francisco Rodrigues Furtado, que recém voltava a seu cargo em Brasília e que, quase instantaneamente,

resolveu tudo que precisava e encaminhou-me os papéis que estavam sem resposta desde setembro...

Enfim, um presente de Natal. Às 14h do dia 24 de dezembro de 2002, recebi finalmente a AUTORIZAÇÃO para ingresso em terras indígenas.

Veio então a ansiedade da ida para São Miguel do Iguçu. Fomos eu, meu noivo Amir e o professor Marcus na primeira visita. Uma legítima aventura. Três horas de ônibus, meia hora a pé e finalmente a tribo. Fomos recebidos pelo coordenador da escola indígena, Teodoro Alves, já que – mesmo eu tendo avisado antes – o cacique estava viajando. Lá foi tudo muito bom: adquiri a confiança dele e ele a minha. Ele me falou de seus projetos, fui na casa de Pedro Alves, um dos mais velhos e ex-cacique, conheci o cemitério... Mas infelizmente não pude fotografar ou gravar as entrevistas.

No papel de autorização da FUNAI diz que “a autorização não inclui contrato de cessão de direito de uso de imagem ou som de voz dos índios”. Por isso não fotografei. Até poderia por recordação, mas quis fazer tudo de acordo com a autorização que eu tinha. Poderia inclusive ter dormido lá alguns dias, mas as enfermeiras da FUNASA consideraram perigoso já que estão com uma epidemia de malária na tribo e o mosquito da malária infecta as pessoas no entardecer.

O uso de voz dos índios seria no caso de expor a voz deles. Não haveria problemas em gravar e usar escrito o que dissessem. Mas não era prudente. Percebi que o gravador faria que mudassem a conversa e até omitissem algumas informações sobre a luta com a Itaipu. Fiz uso então da metodologia de observação participante, ou de campo, montando um diário de campo. Novamente, mais uma tarefa difícil. As anotações eram feitas caminhando, tropeçando e cuidando com o que era escrito, já que alguns índios jovens, de cerca de 12 anos, ficavam ao redor lendo tudo que eu escrevia e falando em Guarani.

Para este trabalho usei a observação participante, meu diário de campo (com as entrevistas e descrições dos lugares e comportamentos) e pesquisa bibliográfica em documentos, registros, livros... Escolhi o método de observação participante porque permite ao investigador conhecer e até assimilar a lógica da cultura que investiga. Na observação participante se tenta explicar uma cultura a partir da perspectiva dos que a compõem. Com este método é possível averiguar – através do convívio e com ele conhecimento – se o que o entrevistado está falando é real ou

fictício. No caso indígena é o método mais eficaz, porém sem o uso do gravador, que é inibidor e pode fazer que o entrevistado queira contar uma história universal a partir da sua, adquirindo assim, a seu ver, importância maior na pesquisa (BRANDÃO, Carlos R, 1987).

As pessoas entrevistadas eram de diferentes posições sociais (hierarquicamente falando), mas eram, os três, lideranças da tribo.

A população Guarani Ñandeva do Ocoy é muito receptiva, jamais recebendo mal seus visitantes. Mas como todo indígena, são desconfiados e muito prudentes ao falar. Reação normal para um povo que já sofreu muito e que tem que lutar diariamente para manter-se como índio. Mais normal ainda ao conversarem com uma pessoa que mal conhecem. Na verdade não é porque é índio que é desconfiado. Alguém da sociedade não-índia receberia uma pessoa em casa, convidaria ela para entrar, contaria de sua vida e os problemas de sua família e seu povo sem conhecê-la bem ou saber de suas intenções reais?

Entre os Guarani Ñandeva do Ocoy eu tive este privilégio. Nas vezes que estive lá, gradativamente, percebi a confiança e amizade que tiveram por mim. Por minha vez, fiz tudo para retribuir.

Conheci um pouco da realidade daquela tribo e por isso este trabalho tem como objetivo levar ao conhecimento dos leitores o significado da terra para o indígena, no Ocoy ou no Brasil, e com isso esclarecer a importância do território e o que fundamenta sua luta: a sobrevivência identitária através dos símbolos da riqueza da terra, neste caso, os cemitérios, que guardam valores religiosos e culturais que alimentam a luta e resistência. A tribo Guarani Ñandeva do Ocoy foi o cenário escolhido, pelos seus valores e crenças em relação ao cemitério, para a explicação da resistência indígena.

A luta e história indígena que seguem são muito bonitas e espero que possam cumprir a meta de levar as sociedades não-índias a refletirem sobre seu valor.

# HISTÓRICO

## 2.1 O grupo Guarani: caracterização

Índio é:

“aquela parcela da população que apresenta problemas de inadaptação à sociedade, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. É todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população com que está em contato” (1)

Pode-se ir além das palavras de Darcy Ribeiro e dizer que o índio é aquela parcela da população que, assim como tantas outras populações culturalmente diferentes, busca no Brasil seu espaço entre a imagem romântica das literaturas e a imagem sanguinária e bárbara que têm no sertão. Ou ainda, o índio brasileiro é aquele povo de raízes tradicionais fortíssimas que quer espaço como uma cultura entre a imagem de vagabundo esperto que não faz nada e, contraditoriamente, a imagem do moribundo ignorante que pode ser enganado por leis, tratados e conversas obscuras, avessas à inocência de quem se cria confiando na terra e nos homens.

Muito se fez para que se criasse um ou mais critérios para a definição de índio: análises do critério racial, legal, cultural e econômico, sendo que todos apresentavam problemas, até que se chegou ao critério da auto-identificação étnica, na qual o índio, sejam quais forem sua localidade ou tradições pré-colombianas, é aquele que se considerar índio e que for considerado e identificado como tal pela população que o cerca.

De acordo com a FUNAI (2), os índios têm comprovação de existência no Brasil há cerca de 12 mil anos, com possibilidades, que vêm sendo estudadas e pesquisadas, de uma existência ainda mais antiga.

No Paraná, arqueólogos da UFPR encontraram, em 1958, material lítico/arqueológico nas margens do Rio Ivaí que tiveram em sua datação o registro de uma idade entre o oitavo e o nono milênio antes da nossa era, isso significa oito mil a -

---

(1) RIBEIRO, Darcy. 1957

(2) [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br)

nos. Noutra escavação, material de acampamentos posteriores, por volta de três mil anos. A cultura indígena é reconhecida não só pelos vestígios cerâmicos quanto pelos vestígios religiosos, através de restos mortais encontrados em urnas funerárias. Além disso, outra comprovação da vida do índio em terras paranaenses já há muitos anos, pode ser encontrada nos relatos de viajantes, relatórios de presidentes de províncias e em terras com demarcações arqueológicas e acidentes geográficos em que se percebe a interferência humana (3).

Os primeiros ocupantes da terra no Brasil, dividiam-se em vários grupos, como os que vivem no Paraná: Guarani, Kaingang e alguns Xetá, por exemplo. Antes disso, porém, havia um grande clã que, embora com medicina e tecnologia iguais, tinham divergências. Foi então que se deu a divisão em duas grandes partes: os Tupinambá, com ascendência ligada ao Sol, e os Tupi-Guarani, com ascendência ligada à Lua. Ou seja, suas formas de ver o mundo e de ditar as regras se diferenciaram (JECUPÉ, Kaka Werá, 1998). O grande tronco, mais populoso, é o dos Tupi-Guarani, de onde vêm os índios Guarani, que geralmente são os primeiros a serem lembrados quando se fala de índio no Brasil. Os Tupi-Guarani são os índios mais novos no Paraná, fora o grupo Jê (4).

Os primeiros Guarani eram oriundos do Rio Guaporé, no norte do Brasil, e desceram o rio Madeira chegando à bacia do Rio Paraná.

O indígena Guarani pode ser caracterizado por alguns aspectos básicos:

\* **PELA LÍNGUA GUARANI.** Ainda bem conservada em várias aldeias, inclusive entre os Guarani Ñandeva do Ocoy, que têm suas crianças aprendendo o português só depois dos quatro a seis anos. Segundo o coordenador da escola indígena do Ocoy, Teodoro Alves, quando a criança aprende mais o guarani, está mais envolvida com a tradição e os ensinamentos da tribo.

\* **POR SER MIGRANTE.** Às vezes, em busca de terra para uma melhor agricultura mas, na maioria dos casos em que ocorre migração, o grande impulsionador das “caminhadas” Guarani é a busca da terra sem mal (Yvy Maraney), onde ninguém morre e para onde todos vão depois de morrer (5).

---

(3) MOTA, Lúcio Tadeu. 1994

(4) BRAZ, Fábio Cezar. 2000

(5) A questão da terra sem mal e da religiosidade, será melhor abordada nos próximos capítulos.

\* **TRABALHAR AGRICULTURA.** Antes do “descobrimento” e de terem suas terras demarcadas pelo governo, eram migrantes. Porém, a terra colonizada nunca era abandonada completamente, ficando sempre alguns para tomar conta e assumir o local. Quanto à sua fixação, pode-se dizer que mesmo havendo acordos intertribais para delimitação da área de dominação para caça, pesca..., não eram totalmente respeitados estes limites e várias tribos resolveram praticar a agricultura com alguns pontos comunitários (6).

\* **VIVER UMA RELIGIÃO DA PALAVRA INSPIRADA.** Apesar de toda tentativa católica jesuítica de total assimilação cristã por parte dos índios, ao longo de todos estes anos de contato, o Guarani mantém-se com sua religião da terra que ninguém morre, onde os falecidos ancestrais reúnem-se para proteger a vida dos que continuam na terra; religião passada oralmente de geração em geração, que prega o respeito humano aos seres da natureza: seus elementos e seus espíritos. Os Guarani, depois da invasão portuguesa e espanhola, foram dizimados, dominados ou refugiaram-se em terras interioranas para evitar o contato. Ou seja, **um primeiro grupo** destes índios foi incorporado pelas engrenagens da imensa e complexa máquina colonial ou nas inúmeras *incomiendas* espanholas.

Neste caso, não se integravam na qualidade de membros, mas eram desgastados até a morte. Os índios eram obrigados a trabalhar na extração da erva-mate e na agricultura, em empresas que comercializavam no mercado externo os bens produzidos pelos indígenas. No século XIX, a Cia Mate Laranjeira ocupou quase toda a área tradicional Guarani.

Um **segundo grupo** encontrou refúgio nas reduções dos missionários jesuítas espanhóis e portugueses. As crenças e hábitos indígenas eram ridicularizados pelos religiosos, que os obrigavam a vestir-se e trabalhar segundo as regras, que nada tinham a ver com o modelo de vida indígena. Muitos conseguiram, de forma camuflada, reproduzir-se culturalmente. Com o fim das reduções, esses Guarani foram vitimados e os que sobreviveram, já haviam aprendido ofícios, como a marcenaria, e não voltaram às matas, estabelecendo-se nos centros urbanos.

---

(6) Aqui também, em relação aos produtos cultivados e a forma, a abordagem será feita no próximo capítulo.

Outro grupo, **um terceiro**, conseguiu ficar fora do alcance das garras coloniais, escondendo-se nas densas florestas paraguaias. Os subgrupos Guarani que se formaram depois, devido a esta grande ruptura, descendem deste terceiro grupo. O grupo fugido que se esconde em matas paraguaias é chamado Guarani Caaguá, e é deste grupo que se formam os subgrupos que lutaram – e lutam – para manter sua cultura original quase intacta, que são os Guarani Mbÿa, Chiripá ou Ñandeva e os Paitvyterã ou Kaiowá (7).

O grupo ao qual daremos ênfase e que é o objeto desta pesquisa, é o Guarani Ñandeva do Ocoy, mas antes, é preciso explicar quem são os Guarani Ñandeva, o que significam e o sentido deste nome.

O nome Guarani (assim como Kaingang ou Xetá) designa o tronco ou família da qual vieram a língua, os costumes domésticos e culinários, a religião e a organização hierárquica de um grupo. No caso dos Guarani, a diferença dos outros grupos é que se têm um tronco anterior, mais abrangente e que deu como herança sua língua que é o Tupi-Guarani. Daí vem o grupo Guarani.

Uma vez identificada a procedência histórica e hierárquica que caracteriza um conjunto de tradições, o grupo indígena adquire uma segunda nomenclatura, que vai identificar, por excelência, o dialeto da língua falada. Estamos falando dos Guarani Ñandeva, que têm um dialeto próprio que o diferencia, além de algumas mudanças em relação aos outros subgrupos, quanto à forma de agricultura e de distribuição geográfica no território. Este grupo ocupava um vasto território que abrangia partes dos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e a região oriental do Paraguai. Uma parte da tribo Guarani Ñandeva encontra-se no Paraná, no município de São Miguel do Iguazu e proximidades. Estes índios passaram por transições, mas parte de suas terras originais chama-se Ocoy e fica às margens do Rio Ocoy; por isso denominam-se Guarani Ñandeva do Ocoy, que caracteriza a família, o dialeto desta família e por fim o nome da reserva, ou seja: ao terem este nome estão designando a reserva e o dialeto de um tronco ou família a que pertencem.

---

(7) Depois de toda essa dispersão, a população Guarani ficou dividida em 22 pequenas áreas em 16 municípios no sul, três deles no Paraná

## 2.2. O território Guarani Ñandeva do Ocoy

Em 1835, tem-se as primeiras notícias de grupos Guarani Ñandeva que aportaram na região de Iguape, onde entraram em confronto com a comunidade não-índia local. Esse grupo era oriundo do Paraguai e vinha em peregrinação rumo à “terra sem males”. Rumando sempre em direção ao leste, atravessaram o Rio das Cinzas e o Itararé até se deparar com outros povoados de colonos que os quiseram arrastar à escravidão. Eles porém conseguiram fugir perseverando em direção ao mar. Eles espalham-se entre as montanhas da Serra e avançam para o centro do estado onde fixam moradia à beira de rios. À beira de um destes rios encontram-se os Guarani Ñandeva do Ocoy. Parte da comunidade Guarani foi localizada na década de 70, na Barra do Rio Jacutinga, um dos afluentes do Rio Paraná. Antes mesmo da construção de Itaipu (que causou a dispersão de muitos índios), eles já enfrentavam problemas devido à ocupação da região. A região oeste, entre os anos 30 e 40, foi propagandeada como uma inesgotável reserva de riquezas, o que promoveu a grande ocupação da região por colonos gaúchos e catarinenses. Por volta de 1975, os Guarani Ñandeva tinham problemas em relação à propriedade, uma vez que havia grande aumento da agricultura. A compra da área para os Guarani foi formalizada em 7 de março de 1997, custou R\$ 2,8 milhões, foi integrada ao patrimônio da União e repassada à FUNAI, que a entregou aos índios. A cerimônia aconteceu no Dia do Índio, 19 de abril de 1997 (MONTEIRO, Nilson, 2000).

Os Guarani Ñandeva do Ocoy pertencem ao tronco Tupi-Guarani e estão localizados na reserva de Santa Rosa do Ocoy, no município de São Miguel do Iguçu, oeste do Paraná. A reserva tem 231,88 ha (a menor área indígena do Paraná) e nela vivem cerca de 600 índios, distribuídos entre 117 a 128 famílias. Os Ñandeva do Ocoy são os ocupantes originais da área do Ocoy (Costa do Rio Ocoy, próximo a Três Lagoas). Porém sofreram o processo de contato que surgiu com o deslocamento de índios de outras áreas, promovido pelo CIMI (8). Passaram pelo Rio das Cobras/PR, Araribá/SP e Ubatuba/SP. O território Guarani Ñandeva do

---

(8) Conselho Indigenista Missionário – criado em 1972, após muitos debates e reflexões dos missionários da América Latina. Organismo articulador da presença dos missionários aos povos indígenas. Inicialmente ligado à CNBB sendo depois órgão desta. (Rampinelli, 1999)

Ocoy fica distante 18 quilômetros da cidade de São Miguel do Iguazu e é formado pela escola, posto da FUNAI, posto da FUNASA, três cemitérios (um submerso pelo Lago do Ocoy) e as casas/ogás indígenas (9). Estas são, na maioria, de barro e palha. Ao lado de cada casa há um roçado e algumas árvores frutíferas. Os animais de lá são cachorros e galinhas, as últimas como mais um complemento alimentar. Seu meio de subsistência tem sido a agricultura, a coleta, a pesca (cevam o rio com sal e usam como isca camarões) e a venda de artesanatos. A agricultura é praticada individualmente, ou seja, cada família tem seu roçado onde cultiva milho, mandioca e principalmente amendoim para consumo da própria família.

A cada colheita a família queima o local da plantação e, até que o solo esteja pronto para outro plantio, sobrevivem da coleta das frutas (banana, goiaba, mamão, laranja...) e da pesca no Lago do Ocoy (10), que foi formado há pouco tempo – cerca de 20 anos. A mata reservada para a caça tem, até o momento, cerca de 150 casais de porcos do mato, o que, segundo Honório (11), ainda não é suficiente para a liberação da caça (que é uma das principais atividades que identificam a cultura indígena). Além disso, os Guarani Nandeva do Ocoy também fabricam e vendem artesanatos das palhas e sementes da localidade. Cada família fabrica e vende seu artesanato, podendo com o dinheiro comprar o que lhe é necessário. Isto quer dizer que não precisam prestar contas de suas vendas ao cacique. Com o dinheiro, as famílias adquirem inclusive, materiais para a pesca (embora alguns indígenas jovens estejam usando o dinheiro com o consumo de bebidas alcoólicas).

Esta tribo é um dos 17 grupos indígenas que se encontram no Paraná. Como pode ser observado no mapa a seguir, a área do Ocoy fica no extremo oeste do Paraná e, por isso, nas proximidades de Foz do Iguazu, município que abriga uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo: Itaipu Binacional.

---

(9) Os Guarani chamam suas casas de “ogás”, não “ocas”

(10) Assim é chamado o lago da Usina de Itaipu pelos índios do local. O Lago Ocoy, atualmente, está contaminado pelos venenos das fazendas circunvizinhas: não dá para tomar banho, nem beber a água e, nos piores dias, não dá para pescar.

(11) Pajé/curador da tribo Guarani Nandeva do Ocoy



- |                                       |                                      |
|---------------------------------------|--------------------------------------|
| 1 Reserva indígena Ocoí               | 2 Reserva indígena Rio das Cobras    |
| 3 Reserva indígena Mangueirinha       | 4 Reserva indígena Palmas            |
| 5 Reserva indígena Marrecas           | 6 Reserva indígena Ivaí              |
| 7 Reserva indígena Faxinal            | 8 Reserva indígena Rio D'Areia       |
| 9 Reserva indígena Queimadas          | 10 Reserva indígena Apucarantina     |
| 11 Reserva indígena Barão de Antonina | 12 Res. indíg. São Jerônimo da Serra |
| 13 Reserva indígena Laranjinha        | 14 Reserva indígena Pinhalzinho      |
| 15 Reserva indígena Ilha da Cotinga   | 16 Reserva indígena Mococa           |
| 17 Reserva indígena Tekoha -Añeteté   |                                      |

\* Mapa retirado da ASEAI – Paraná Indígena (em vermelho as reservas Guarani)

Atualmente, o território Guarani do Ocoy está sendo requerido pela Hidrelétrica de Itaipu para inundação, formando um novo lago da usina. Porém, os índios da localidade lutam em defesa de seu território e contra a inundação. Foi-lhes ofertado um território maior próximo do município de Santa Helena. Como o número da população do Ocoy cresceu nos últimos anos, eles realmente precisam de uma área maior, mas querem continuar habitando a reserva do Ocoy. Teodoro confirmou que os Guarani querem e precisam de uma nova área, mas para mandar parte do povo para lá, não querem nunca deixar o Ocoy, porque é lá que estão os cemitérios, os ancestrais, que devem cuidar e não abandonar, mas a Itaipu não entende isso... A reserva do Ocoy é mais que um território de sobrevivência e manutenção da subsistência, é uma área culturalmente importante. A resistência não é pela terra, mas pelo local em si, que guarda muito de suas riquezas culturais, como os cemitérios. A resistência cultural indígena, neste caso, é uma questão de sobrevivência identitária. Esta luta pela manutenção do território por questão de sobrevivência identitária será discutida a partir daqui.

### 3. IDENTIDADE: RELAÇÃO DO TERRITÓRIO COM A CULTURA

#### 3.1. Aspectos culturais: identificação social

Antes de se entender o valor identitário da terra ou o que significa a terra/território dentro do contexto indígena Guarani, portanto dentro do cotidiano cultural e religioso Guarani, é preciso que se especifique o que se entende por identidade, quais fatores levam à creditar a alguns costumes o significado de identitário, ou seja, aquilo que caracteriza e permite ser caracterizado como pertencente à uma determinada cultura/sociedade. O território é um fator identitário no caso dos Guarani do Ocoy. Mas e o que é identidade? O que caracteriza algo como identitário?

A identidade não serve para uma definição exata de quem são verdadeiramente, mas a que se recorre para identificar um povo diferenciando-o dos outros. A partir da análise do conceito de identidade de alguns autores (Denys Cuche, Roberto Cardoso de Oliveira, Carlos Rodrigues Brandão, Philippe Laburthe-Tolra e Jean-Pierre Warnier) temos algumas definições de identidade, das quais vai-se formar o conceito utilizado nesta pesquisa. Dentro desta definição de identidade pode-se observar várias camadas que compõem, juntas, um conceito integral de identidade.

A **identidade social** é a que permite uma construção social que remeta a uma norma de vinculação em um sistema social: nação, idade, classe social... Permite que se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. Identifica o grupo (através desta vinculação) e o distingue dos outros, ou seja, é a afirmação do nós diante do Outro. Porém, essa afirmação não existe sem que os outros reconheçam a carga social - e dentro dela a cultural – que os diferencia (reconhecimento mútuo). A vinculação diante do grupo deve ser necessariamente consciente, baseada em algumas oposições simbólicas (mas não em todos os momentos). A **identidade social** é um princípio de coesão interiorizado por todos de um grupo, o que permite reconhecerem-se (12).

---

(12) Este conceito, identidade social, foi formado aqui a partir de três conceitos: CUCHE, Denys, (1999); OLIVEIRA, Roberto C, (1976) e LABURTHE -TOLRA e WARNIER (1997)

A **identidade social** é a que pode caracterizar a nacionalidade, por exemplo: brasileira.

A **identidade social** é uma generalização, é ampla e abrange várias camadas ou categorias que juntas vão formá-la. Dentro da **identidade social** há a **identidade etno-cultural** (ou étnica) que permite a diferenciação e faz com que se identifique a vinculação a um grupo étnico. Ou seja, dentro de uma vinculação em um sistema social que identifique alguém como brasileiro, por exemplo, há algo de mais categórico e mais profundo que vai fazer uma redivisão: a **identificação etno-cultural**, chamada a mais fundamental das especificações, já que a partir dela é possível a **identificação cultural** (CUCHE, Denys, 1999). A identidade etno-cultural, ou étnica, caracteriza a vinculação a um grupo étnico que compartilhe valores culturais fundamentais, fatores biológicos (que distingam entre branco, negro, índio...) e organização social (estrutura, hierarquia...) (OLIVEIRA, Roberto Cardoso, 1976).

A **identidade etno-cultural** vincula a um grupo étnico, neste caso, indígena.

Depois de se fazer a **identificação étnica**, há a **identificação cultural**, que permite que o índio se aproxime (do branco, por exemplo) ou afaste do Outro (outras sociedades indígenas ou mesmo o branco). **Identidade cultural** é o nome dado a um conjunto de elementos que se caracterizam numa dada cultura e permitem à pessoa ser caracterizada. É uma modalidade da distinção nós/eles. Tudo aquilo que faz parte de costumes específicos ou particulares de uma sociedade, como afastar seus mortos para que não façam mal à tribo (caso Guarani Nandeva do Ocoy) enquanto outras sociedades cultuam seus mortos por trazerem sorte ao plantio.

Estes costumes e signos diferentes atribuídos aos mesmos elementos fazem parte da cultura, pois atribuem significados próprios e distintos em cada sociedade. Quando se identifica a característica de uma sociedade como sendo a sua e quando não se reconhece outra sociedade como àquela a que se pertence, o que está acontecendo é o reconhecimento de sua **identidade cultural**.

A **identidade cultural** distingue os pontos de uma cultura para outra. Pode-se ser índio, mas é a cultura que dita as características e o reconhecimento dos signos: Guarani. Kaingang. Xetá...

Para os culturalistas, a formulação do conceito de identidade para aí: a cultura como diversificador entre uma sociedade e outra. Porém é possível de se encontrar

alguns marcadores dentro de culturas idênticas (aquelas que têm mesmas religião, culinária e língua, etc) que se façam como fronteiras entre uma sociedade e outra. Por isso, caracterizada a cultura da população que se quer identificar, para dar à ela uma identidade única e específica, considera-se seus pontos particulares: dialeto e realidade simbólica. Mesmo com um mesmo tronco, uma mesma ascendência (que permite ser reconhecido pelo outro como contínuo de uma história), os Guarani dividem-se em Ñandeva, Mbÿa e Kaiowá (todos de tronco Tupi), de acordo com o dialeto (característica mais particular do que a língua, citada acima) como o *ava ne'e* que é a comunicação verbal Guarani que serve como identificador dos Ñandeva e sua realidade simbólica, que é aquela imagem que é construída de si para si mesma e na qual se crê (BRANDÃO, Carlos R, 1986). Por exemplo, embora todo Guarani considere os velhos como uma fonte de sabedoria e misticismo, são os Guarani Ñandeva do Ocoy de São Miguel do Iguaçu que crêem – por causa de sua luta particular com a Itaipu, que não faz parte da realidade de outros Guarani – que os antepassados mortos, através do cemitério, são os que mantêm a cultura acesa e permitem o Tekoá (que será explicado mais adiante) e por isso há a resistência dos índios que seguem a religião e a cultura.

Com a definição dos pontos particulares de **identificação tribal**, se determina o Guarani como Ñandeva, Mbÿa ou Kaiowá.

Deste modo, é a caracterização de todos os costumes, crenças e particularidades aliados à ascendência, etnia e, principalmente, à própria visão de si como parte de uma estrutura (ou seja ter a diferença representada na consciência) e como não pertencente à outra que se forma uma sociedade. A sociedade, neste caso, é indígena brasileira Guarani Ñandeva do Ocoy. É a única assim designada pelos seus fatores identitários, desde sua caracterização identitária num grande contexto social até sua identificação tribal, como o Tekoá e a sua estratégia de continuação da existência. Algumas coisas que identificam o índio culturalmente são: sua memória cultural baseada no ensinamento oral da tradição, que é a forma original de educação nativa e que consiste em deixar fluir o que é passado de geração em geração; sua ligação aos ancestrais que têm na ascendência uma ligação com espíritos de seres da natureza (Terra, Lua, Sol, Chuva...); sua habilidade como caçador que não precisa de armas, mas tem o arco e flecha e a capacidade de conhecer a caça e seus

hábitos, pegadas, habitat e preferências alimentares; sua forma de educar, onde as crianças e os jovens são conscientizados da diferença entre o que é bom e o que é ruim e seguem o que acharem melhor (é estimulada a liberdade individual) (14) e a filosofia Guarani que é a arte do domínio sobre si próprio, onde se lida com as dores físicas e morais invocando o espírito da sabedoria (15). Entre todos os Guarani há o Tekoá, que são pontos ou lugares fortes de cultura, ou seja, lugares de canto, reza e outras atividades que servem para reafirmar a cultura e praticá-la, é o lugar de afirmação da identidade indígena. Mas é entre os Guarani Ñandeva do Ocoy que se percebe a presença do Tekoá, ou afirmação da cultura, em uma Casa de Reza (Opã), em três cemitérios e no Campo Sagrado, onde são feitas todas as orações e pedidos. Estes Guarani devem permanecer no Ocoy por um forte ponto de identificação tribal: os cemitérios. Os cemitérios são um Tekoá, e por serem um ponto forte de cultura, interferem na permanência dos índios, já que é através destes Tekoá, principalmente dos cemitérios, que se passa a tradição da cultura Guarani e a identificação.

Outro ponto muito forte de identificação único dos Guarani é o que eles chamam de “estratégia”, segundo Teodoro, que é a forma de continuação do povo. A estratégia consiste em um grupo de famílias se unir e mudar para outras terras que devem ser verificadas pelo pajé (Honório) para saber se o lugar é bom para desenvolver a cultura (sempre em direção ao leste, onde está Yvy Maraney). Lá mantêm a mesma cultura e os mesmos hábitos. Se acontece alguma invasão por não-índios/brancos ou mesmo por índios de outras tribos nas terras habituais, eles fogem e se refugiam nas terras conquistadas por aquele grupo de famílias, está é a “estratégia” para que os Guarani nunca se acabem (16). Ainda nas palavras de Teodoro, a aldeia que eles estão no Ocoy não é verdadeiramente a “aldeia” Guarani, aquela que pode ser realmente identificadora de sua cultura, já que lá não há muita árvore e a Casa de Reza não fica no centro da tribo. Para eles, “aldeia” que armazene toda imagem da cultura Guarani, é aquela original, mais natural, cercada de muita floresta, principalmente árvores (por causa da presença dos espíritos da

---

(14) Palavras de Teodoro e de Pedro Alves, ex-cacique que é muito respeitado na reserva do Ocoy pelos seus conhecimentos da história do seu povo. Atualmente o cacique é o sr. Simão

(15) JECUPÉ, Kaka Werá, 1998. Págs. 26 a 91

(16) Este tipo de mudança territorial será melhor explicada no próximo capítulo.

natureza que protegem as habitações), longe dos postos (FUNAI e FUNASA) e onde a Casa de Reza fique bem no centro para quando precisam invocar algum espírito da natureza, ele se manifestar no centro da aldeia e influenciar de uma vez ela toda. A “aldeia” ainda deve ter um rio que passe perto e ser provida de muitos alimentos para serem cultivados (no caso dos Guarani do Ocoy, há um lago e não rio e além disso o lugar é pequeno para plantarem uma grande variedade de alimentos).

Portanto a identidade é uma categoria estratégica de articulação nas relações. Uma coisa é como o índio se identifica para si, outra é como apresenta para o branco uma identidade e outra ainda é como, em diferentes situações, ele mobiliza os qualificadores sobre si (BRANDÃO, Carlos, 1986). A identidade é incontrolável, não segue uma linearidade. Não é construída considerando-se o universal como verdade para o particular, afinal, as pessoas, em alguns momentos, transgridem as regras e questionam a tradição. A própria identidade só é identidade se as características, regras e estruturas do “ontem” forem adaptáveis e mutantes para o “hoje” em sua sociedade, senão vira memória identitária.

“Ela (a identidade) não existe sob a forma de um repertório dado, estável e facilmente reconhecível, de sentimentos e idéias, regras e ornamentos do corpo. Onde quer que as situações concretas exijam, a identidade é construída” (17).

As reações identitárias podem ser interpretadas ainda como estratégias de resistência ou de transformação das situações de dominação e invasão, que geram mudança e incertezas (SEMPRINI, Andrea, 1999).

A partir daqui, depois de se conhecer o conceito de identidade e como ela influencia inclusive na permanência de um povo em seu território, é que é possível de se conhecer o sentido que a terra, ou território, possa ter dentro de uma cultura, ou seja, o sentido identitário da terra entre os Guarani Ñandeva do Ocoy.

---

(17) BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1986. Página 155

### 3.2. A terra como fator identitário e mantenedor dos ciclos de vida

O território indígena é o meio básico de produção e principalmente o sustentáculo da identidade étnica. É a terra que, com seus componentes, garante os ciclos de vida: desde a alimentação até o lugar sagrado que recebe os corpos, e com eles a força dos ancestrais; desde o nascimento até a morte, e nisso a religião, as crenças e continuação da tradição e da história. O território é um fator identitário importante para as relações culturais, pois é nele que o canto, as táticas de caça e pesca, as cerimônias e os rituais se realizam. O Serviço de Proteção ao Índio (extinto SPI) criou uma definição do que são as terras dos índios:

- \* aquelas em que vivem e já habitavam,
- \* aquelas compatíveis com seu estado econômico e social: caça, pesca, agricultura...
- \* aquelas que forem reconhecidas como de sua propriedade” (18)

Porém, os estudos avançaram e, além de garantir a subsistência (mas subsistência abundante, de qualidade e que conjugue com os costumes alimentares e hábitos cotidianos dos indígenas) a terra tem que garantir a identidade de um povo e com ela a cultura, a religião, a língua, o modo de viver e a autonomia para que sua estrutura grupal e hierarquia de poder não sejam ridicularizadas fora da tribo ou percam seus valores e sentido entre seus membros.

A terra indígena como sustentáculo da identidade tribal vai além das necessidades de subsistência, sejam elas agricultura, caça ou pesca. Ela é o local dos cemitérios, lugares sagrados ou míticos, casas de reza (no caso Guarani), lugares assinalados pela tradição com inscrições rupestres que simbolizam os locais de origem de seus ancestrais. Esses componentes simbólicos são a sustentação da identidade, garantem os ciclos de vida e respondem pelo apego do índio às suas terras e explicam sua dispersão por todo o território.

“É no território que a identidade e toda carga cultural são manipuladas e mantidas”. (19)

A terra, para o indígena, é ainda o núcleo de seu modelo de vida, pois é a partir dela que se ensina que as pessoas “produzem para viver” e não “vivem para

---

(18) RIBEIRO, Darcy, 1977

(19) RIBEIRO, Berta, 1987

produzir” (Manual CNBB CF-2002, 2000). O que tudo isso significa na prática, é que a aldeia está historicamente vinculada a seus habitantes e aos movimentos sociais do grupo sem se desvincular da memória dos ancestrais. Estes estão, portanto, ligados ao território, que tem como foco a aldeia com as habitações. A importância do território é percebida quando alguém morre longe ou fora da aldeia e não pode ser levado até ela por algum motivo, então é enterrado em local onde haja boa mata e onde uma futura aldeia seja criada.

Na lógica do índio a terra é um lugar de liberdade para que a vida possa agir, e como consideram a vida na integralidade, a utilização dos recursos não é predatória. Não faz parte de seus sistemas econômicos a exaustão dos recursos. Em sua pura relação com o meio ambiente os índios são protetores e defensores do território. Atualmente há uma verdadeira guerra entre indigenistas e ambientalistas onde os últimos acusam os índios de mau uso da terra e dos meios naturais. No caso dos Guarani Nandeva do Ocoy há um processo da Itaipu sobre a FUNAI e as lideranças indígenas por causa da venda de madeira e corte de árvores antigas feita pelos índios há cerca de 20 anos atrás. Porém, tanto índios quanto FUNAI garantem que nesta época as terras oferecidas eram virgens e improdutivas e que os Guarani precisavam de alguma forma de subsistência, ou seja, trocar a madeira por comida.

Como se percebe, as terras indígenas podem estar sob os cuidados do índio mas não ser reconhecida sua propriedade sobre o território que ele tão bem conhece e no qual vive. Antigamente não se dava propriedade das terras aos índios porque o Estado acreditava que a condição de índio era provisória, uma vez que o índio em contato com o branco teria uma integração com a “civilização” e deixaria a “condição” indígena. Hoje, o Estado brasileiro não vê a terra como campo sagrado e de influência e contato com o sagrado e ainda admite a posse, mas não a propriedade coletiva da terra (RIBEIRO, Berta, 1987), o que vai contra os princípios indígenas onde a terra não deve ficar na propriedade de uma pessoa, mas de um grupo, já que todos usufruem e a distribuição é igual entre os membros (desde o cacique até o simples pai de família). Por ser vinculada à vida social e ser um recurso sócio-cultural, a terra não pode ser propriedade individual. A noção de propriedade privada da terra não existe nas sociedades indígenas. No passado, todos tinham direito de utilizar recursos do meio ambiente na forma de caça, pesca, coleta e agricultura. As

reivindicações indígenas enfatizam o grupo como um todo e não indivíduos isolados, isso não só com relação à delimitação justa de territórios como também em outros setores. O território grupal está ligado a uma história cultural (RAMOS, Alcida, 1986, págs. 13 a 21).

Fica claro porque o significado de territorialidade para as sociedades indígenas não é o mesmo que para as sociedades que as rodeiam. O conceito de propriedade pode ser definido como:

“A terra sobre a qual o grupo social está localizado e da qual tira o seu sustento, os animais que a percorrem, e sobre a qual pastam, as árvores e as colheitas, as casas que as pessoas constroem, as roupas com que se vestem, os cânticos que entoam, as danças que executam, todos esses e muitos outros são objetos de propriedade (...). A propriedade pode ser protegida por lei porque a natureza essencial da propriedade encontra-se nas suas qualidades como instituição social. A propriedade é que dá expressão formal à estrutura social. Ela especifica e proporciona acesso não somente às necessidades concretas como terra e comida, mas aos artigos de valor simbólico, como um penteado, a decoração de uma casa e títulos honoríficos (...). Além das razões econômicas óbvias, para a exclusividade no uso de suas terras, algumas tribos, como os Guarani, mantêm uma relação vital e mística com a terra, seu sagrado território (...). A propriedade é um complexo de relações com respeito à utilização de algum objeto (terra) com o qual um grupo mantém reconhecidamente ligações quase exclusivas ou limitativas (...). A propriedade – uma criação social – está sempre sujeita à limitações sociais, mesmo nas sociedades mais individualistas (...). Eles (OS Índios) tiram a subsistência de hortas particulares, pesca. Fazem tudo na terra: geram e criam os filhos. Seus antepassados estão sepultados na terra. A terra indivisa, como base da sociedade, chega a simbolizar não a propriedade, a fertilidade e a boa sorte do indivíduo, mas a prosperidade geral, a fertilidade e a boa sorte da qual depende a vida do indivíduo. Com esta prosperidade geral estão associados a paz e o reconhecimento de uma ordem moral sobre uma determinada porção de terra”. (20)

Todo povo indígena tem direito à terra a partir de um alvará de 1680 que os coloca como “primários e naturais senhores dela”, o que é confirmado pela Lei nº 06 de 1755 e toda legislação posterior (21). Fora de seu território uma sociedade indígena tem poucas chances de sobreviver como grupo cultural autônomo. Os índios se vêem obrigados a adotar novas formas de provimento da subsistência e são envolvidos por uma população relativamente densa e cujos modos de vida tem de se modificar – em alguns casos – para sobreviver. Acabam tendo instrumentos simbólicos de sua cultura mexidos ou desmontados, como no caso dos Guarani Nandeva do Ocoy que têm um de seus três cemitérios (justamente o mais antigo com grande parte de seus antepassados) submerso pela água do Lago Ocoy. O índio é empurrado para lugares onde nem sempre encontra as condições adequadas de

---

(20) HOEBEL, Adamson e FROST, Everett, 1976. Págs. 128-263

(21) Dado obtido em RIBEIRO, Darcy, 1977, e confirmado pelas leis atuais

caça e pesca, como alguns Guarani moradores do Ocoy que foram deslocados da Jacutinga (Rio Paraná) para a inundação e hoje ainda encontram dificuldades em relação à caça e à própria pesca no Ocoy, por motivos citados anteriormente.

O índio sem seu território perde as condições anteriores de manter a equação de trocas de bens e trabalhos que preservam a vida física e social de todos entre todos. São caçadores e agricultores que buscam alimentos em grupo e que plantam em família para o sustento de todos, tornam-se coletores individuais, não mais para sobrevivência direta da família mas para as empresas que muitas vezes determinam as regras do trabalho. Ele vê perder-se o todo ou parte do modo de vida tribal e altera o equilíbrio dos sistemas internos de relações sociais primitivas, ou melhor, tradicionais. Muda também sua maneira de ser: muda os instrumentos técnicos e organização para o trabalho, muda a organização do grupo, muda a educação das crianças, que segundo Pedro Alves (ex-cacique), ficam muito próximas das crianças da cidade e querem coisas que não fazem parte do cotidiano da tribo gerando assim brigas entre pais e filhos, muda os hábitos de lazer, não realiza mais alguns rituais e pode acabar esquecendo parte de suas crenças (22).

Quando possuem uma área a defender para manterem seu estilo original de vida, os índios tomam as bases de afirmação da identidade da tribo para estabelecerem formas de se reconhecerem e reconhecerem o branco. Em relação aos Guarani Ñandeva do Ocoy, o Ocoy é importante para a manutenção dos ciclo sócio-culturais, já que lá se encontram seus três cemitérios, que são o Tekoá da aldeia, ou, como já dito, um ponto de concentração da cultura, dos ensinamentos e da tradição de seus ancestrais e antepassados. Como a cultura é seu maior objetivo (embora existam, segundo Teodoro, alguns Guarani que não se importam em manter a cultura), a permanência no território é QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA, não só vital, mas cultural e portanto, IDENTITÁRIA. A intenção e todo encaminhamento da FUNAI e das lideranças indígenas do Ocoy, como disse Teodoro, é de aumentar o território ali no Ocoy e não de arrumar outro (23).

---

(22) BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1986. Retirado do livro da ANAI – Associação Nacional de Apoio ao Índio, de 1981

(23) Se a Itaipu e o governo só conseguirem mais terras longe do Ocoy, não há problemas para os índios, desde que se mantenha o Ocoy como território deles também. Porém, a preferência é ficar ali. Palavras de Teodoro.

Porém, isto depende das negociações com a Itaipu e os fazendeiros que fazem divisa com a reserva, que vêm sendo difícil. Quanto à Itaipu, embora suas palavras não tenham sido de muita amizade com os índios, estes estão crentes de que com o novo diretor geral – Samek – haverá um maior diálogo. As primeiras palavras da Itaipu em relação à reserva indígena foram:

“A Itaipu não revela o menor interesse em que aquela área seja reconhecida como reserva de propriedade indígena, pois neste caso a empresa Binacional terá que esperar novo e específico decreto desapropriatório emanado da presidência da República para remover os índios para inundar” (24).

Esta declaração foi dada em 1981, porém vigora, afinal, mesmo a área sendo reconhecida como reserva indígena, ainda têm risco de inundação pela Itaipu, caso ela precise, pois foi ela que “cedeu” aquele espaço aos indígenas.

Quanto aos fazendeiros, as negociações estão difíceis porque tomaram posse de suas terras antes ou até no mesmo tempo em que a reserva foi reconhecida, já que, como já dito, há algumas décadas estas terras eram propagandeadas para colonos gaúchos e catarinenses como fonte inesgotável de riquezas (MONTEIRO, Nilson, 2000). Como os Guarani Ñandeva do Ocoy lutaram em defesa de seu território e pela posse dele é que hoje – diferentemente de muitas tribos, não só Guarani, mas todas que sofreram com a colonização do Brasil desde 500 anos atrás – ainda têm autonomia não só sobre suas relações políticas mas sobre seu território, já que hoje não é apenas a FUNAI que permite ou não a entrada do não-índio na tribo mas o cacique tem poder de decidir quem entra ou não e quando, para depois comunicar a FUNAI (25). Um exemplo de como fazem isso é o portal feito pelos índios, que fica 1,5km antes do Posto da Funai onde os índios cobram pedágio para a entrada e visita na aldeia, inclusive nos domingos quando não há funcionários da FUNAI na tribo, ou seja, são eles que determinam/decidem quem os visitará (26).

A partir do exposto até aqui e da SOBREVIVÊNCIA IDENTITÁRIA dos Guarani Ñandeva do Ocoy é possível compreender porque é tão importante e se luta tanto pelo território indígena, aquele que não só garante a subsistência mas também os ciclos de vida, a cultura, a tradição e com elas a história e originalidade da tribo.

---

(24) CARVALHO, Edgard de Assis, 1981

(25) Identitariamente, o cacique pode e assume seu cargo de líder na tribo

(26) No caso de pesquisa científica é imprescindível que se siga todas as normas e burocracias citadas na Introdução

“Em seus territórios, os povos indígenas constroem projetos de vida centrados nas pessoas, criam e recriam seus conhecimentos, sua sabedoria, seu espírito comunitário, quando conseguem se manter em seus territórios com certa autonomia” (27).

---

(27) Estas palavras estão no Manifesto Indígena nos 500 Anos, escrito em 2000, nas comemorações dos 500 anos do Brasil, citadas no Manual CF-2002, 2000, pág. 104

### **3.3. Idéias sobre a morte e o sentimento religioso como fatores identitários**

Não há característica mais própria de uma cultura e que mais a identifique do que a religião e a construção de mitos e tudo que envolva a morte e seus espíritos. Em todas as culturas, a religião – e tudo que ela engloba – é fator identitário determinante, pois ela direciona todos os outros segmentos culturais, ou seja, é o agente cultural mais importante na maioria das sociedades. Principalmente na sociedade indígena Guarani. Entre os Guarani a religião determina os costumes da caça e da pesca (que só são feitas com a licença da natureza e dos espíritos que a regem), casamentos, estrutura tribal, hierarquia, orações, moralidade, educação, comida e dá sentido cultural e identitário ao território. Enfim, determina a ação social da tribo. Mas como é a religião indígena e como atua em cada um destes setores?

A religião indígena Guarani lida com o desconhecido, o sobrenatural e a idéia de um paraíso para onde todos vão, assim como em várias religiões que não só a indígena. O que vem depois da morte e amuletos em que se deposita um valor e uma grande fé também fazem parte: plantas, pedras..., além das influências mútuas entre o natural e o social, a influência do sobrenatural e a necessidade de fazer as coisas corretas para manter a ordem.

Porém, assim como tem semelhanças com outras religiões, tem também diferenças. Rituais como danças, meditações e sons produzidos para parecer com o dos animais são algumas das práticas que têm por objetivo a harmonia entre o homem e a natureza. Os indígenas Guarani têm nomes e costumes ligados à natureza. O nome é dado ligado a algum elemento natural. Como crêem que as palavras têm vida própria, cada vez que o nome é dito traz o espírito ou a força e influência desta palavra. Por exemplo, se o nome for “Onça Grande”, é este espírito de força, liberdade que anda com a pessoa. Outra diferença é que Deus não apenas olha pelas pessoas, Ele faz parte dela (e ela Dele) e vive dentro de tudo que vive. Quando há alguém doente, a cura é, através de algum objeto e oração simbólica, uma conexão com o Espírito de Deus, o grande mistério da vida e com a natureza. Além disso, a religião Guarani está fortemente ligada e influenciada pelos sonhos e não é estruturada em igrejas. A religião está tão relacionada com outras esferas da

vida social que pode ser exercida em qualquer ambiente natural, com plantas, animais... O que existe é a Casa de Reza, que funciona de forma parecida com uma igreja, mas não tem um corpo eclesiástico que só viva em função dela e não é o lugar único de se exercer a religião. A Casa de Reza é um dos Tekoá mas importantes. É lá que o pajé pratica algumas curas, aconselha, entra em contato com os espíritos e com os ancestrais e antepassados para trazer mais informações e autoconhecimento ao seu povo. Antes de continuar, deve-se estabelecer a diferença entre ancestrais e antepassados. Os ancestrais são os primeiros seres da tribo, aqueles homens que exerciam as mesmas forças da natureza e por isso eram capazes de transformarem-se em animais. São os espíritos míticos, aqueles mais antigos e mais fortes, que são lembrados de geração em geração como aqueles que “viveram há milhares de anos” e hoje são conselheiros em Yvy Maraney. Os antepassados são a ascendência dos ancestrais. Homens que viviam cerca de 100 anos ou mais e que conheceram a história do princípio de cada tribo. São os bisavós e tataravós já falecidos. Tanto antepassados quanto ancestrais vivem em Yvy Maraney. Entrar em contato com estas forças poderosas é uma forma de prever os problemas, mas também de aprender a solucioná-los com a força dos grandes espíritos.

Ainda sobre a Casa de Reza (Opã), ela é o lugar onde a maioria das cerimônias acontecem. A principal cerimônia é a que as pessoas cantam canções religiosas e de relações com a natureza sem poder tomar água durante ela. Assim, sai todo suor de seu corpo e com ele o sal, que cai no solo da Casa de Reza e com isso se descarrega o corpo de maus espíritos, maus pensamentos e tudo de ruim. Não se pode tomar água porque o calor e o frio são contrários e por isso não se dão bem. Quando se toma água (que é fria) depois da dança e com o corpo quente há dor de cabeça, e isso se dá, de acordo com explicações de Teodoro, porque há um confronto entre frio e calor dentro da pessoa. Na Casa de Reza também se passam os mitos às crianças, é passada a história – oralmente – da tribo, os ensinamentos, ritos da natureza e invocação dos espíritos. A Casa de Reza deve ser no centro da aldeia para que se vá lá em qualquer ocasião que se precise do conselho do pajé.

O pajé é a pessoa que vê o mundo sagrado. Através de rituais ele traz as visões do mundo dos espíritos antigos e animais de poder. O pajé manifesta a realidade do mundo visionário no mundo exterior. Ele é o curador e aquele que

conversa com os espíritos. É ele que faz o diagnóstico e recorre ao auxílio dos espíritos e às ervas naturais para a cura. Para isso, o pajé usa tabacos, instrumentos musicais, cantos religiosos, sonhos e visões. O pajé da tribo Guarani Ñandeva do Ocoy, é Honório, ou Caray, seu nome indígena. Honório se designa médico e curandeiro para doenças de índio enquanto a doença de não-índio tem que ser tratada por médico não-índio. Quando é algum espírito que entra no corpo de alguém, só o pajé é capaz de mandá-lo se aquietar, pois não há cura para a possessão, segundo eles, além da morte. A figura do pajé é muito importante, já que na hierarquia da tribo Guarani, embora ele seja submetido às regras do cacique, ele o aconselha tanto na vida pessoal quanto na ordem tribal, ensinando-o e alertando-o quando aparece algum perigo. Seu papel fundamental (do pajé) é garantir o bem-estar geral da comunidade, protegendo-a dos espíritos, conduzindo cerimônias para boas colheitas, caçadas e para bons rebentos (aconselhando os melhores nomes) quando há mulheres grávidas (RAMOS, Alcida Rita, 1986).

Além da Casa de Reza, que é o lugar em que o pajé mais atua, há outros Tekoá, lugares em que os Guarani Ñandeva do Ocoy executam sua religião. Na verdade, um deles abriga os outros dois. É o que se chama de Campo Sagrado. O Campo Sagrado é o lugar onde está a aldeia. Deve ser longe das cidades e onde haja muita mata e rio por perto. Lá o pajé se concentra e sente os espíritos da natureza, pede harmonia com seu povo e então se instalam. É no Campo Sagrado que vai se formar a nova aldeia, e dentro dela a Casa de Reza e o cemitério (Yuenkwá).

O cemitério é a grande chave religiosa Guarani. É ali que fica o corpo dos antepassados e dos ancestrais para descansarem. No território Guarani Ñandeva do Ocoy existem três cemitérios: dois afastados da área central da aldeia e o mais antigo submerso pelo Lago Ocoy. O cemitério é um lugar na mata que é afastado para que os espíritos fiquem afastados (eles estão sempre rondando seus túmulos). É onde se enterra o corpo quando o espírito vai para Yvy Maraney (28).

---

(28) Nesta hora da entrevista, questionei Teodoro Alves de como o espírito poderia estar rondando o cemitério e ao mesmo tempo vivendo em Yvy Maraney. Ele respondeu que os espíritos vão onde querem, por isso são espíritos. Podem estar onde quiserem, em qualquer momento.

Lá os corpos são enterrados direto na terra numa pequena clareira que há no mato. A manutenção da tumba deve ser feita pela família e o enterro também. O desempenho correto dos funerais faz com que os espíritos fiquem em seu lugar e com isso mantenham a sua paz e a dos vivos. Os adultos recebem uma coroa de flores e uma cruz de madeira (29). Quando as flores e a cruz apodrecem, é colocada uma tora de madeira acima do lugar onde fica a cabeça da pessoa enterrada. Na cova das crianças são plantadas muitas flores e é colocado um cercado de madeira que parece um berço em formato de caixão. O cercado é apenas um enfeite, já as flores são para que os espíritos das crianças – que adoram flores – fiquem ali no cemitério e não se direcionem para o centro da aldeia, onde podem entrar no corpo de alguém. Por isso, os índios não fazem jardim, ou seja, não plantam flores em frente às casas: para não atrair os espíritos das crianças (que são os mais fortes) que gostam de visitar as flores e brincar com elas à tardinha. Quando precisam de algum favor de qualquer espírito ou quando é necessário que um espírito se afaste, a família deve levar oferendas até seu túmulo (fumo, água...).

Ao entrar no cemitério não se deve fazer barulho, nem chegar em muitas pessoas, pois crêem que os espíritos precisem de silêncio para que tenham paz e não incomodem as pessoas. A cultura está aqui subordinada aos mortos. A transmissão do material e do espiritual é operada a partir do mundo dos mortos que fazem trocas com o mundo dos vivos. Os vivos, por sua vez, estão sempre querendo estabilizar, regular e regulamentar sua relação com os mortos. Entre os Guarani Nandeva do Ocoy não há reencarnação. Quando a pessoa morre vai com pecados, não importa quantos, mas todas pessoas pecam. Então o espírito deve prestar contas a Deus por seus pecados e ficar num lugar até serem sido perdoados. Depois disso vai para o lado dos espíritos na Yvy Maraney (terra sem males).

Entre estes indígenas os mitos são veículos de informação sobre tudo: desde a criação do mundo, agricultura, as relações sociais e o lugar para onde todos vão que é a terra sem males. A busca da terra sem males foi a maior responsável pela grande dispersão geográfica Guarani e pelo grande aumento dessa população.

---

(29) Aprenderam a colocar cruzes na época das reduções jesuítas, mas colocam como enfeite e não como um símbolo de fé, diferente dos católicos.

A terra sem males – Yvy Maraney em Guarani – é o foco principal para se entender a vida Guarani, sua estrutura social e sua visão de mundo. Ela pode ser comparada à “Terra Prometida, onde corre leite e mel”, na qual crêem as religiões baseadas na Bíblia. A busca da terra sem males é uma experiência religiosa cotidiana e presente em todos subgrupos Guarani. Estes grupos acreditam que ela se encontra no leste e é dividida em duas partes: uma em que moram os espíritos e outra onde moram os vivos que lá conseguem chegar. **Lá ninguém morre e é para onde todos vão depois de morrer**, ou seja, os espíritos dos mortos vão para lá e os vivos que lá conseguem chegar jamais morrerão. Segundo Teodoro, todo Guarani tem esperança de chegar lá, pois todos acreditam na história de uma tribo Guarani que conseguiu chegar na Yvy Maraney “há 40 mil anos atrás”. Uma vez lá, tudo é diferente: nunca o branco chegou lá, não há maldade. Na terra sem males há muita fartura, o solo é fértil e abundante, é onde se fica em contato com os antepassados e os ancestrais; é onde se iniciou a cultura e a vida indígenas. O espaço é intacto, não foi mexido. **Ca Maraney** é o nome dado ao monte do qual ainda não foi tirada madeira e nunca foi trabalhado. É uma floresta, o lugar ancestral de uma tribo com os melhores caçadores, pescadores e coletores (BRANDÃO, Carlos, 1994).

Na esperança de chegar à Yvy Maraney e de merecê-la ainda em vida, as tribos Guarani procuram seguir ao máximo a tradição, através da educação, religião e todos aspectos culturais para serem como seus antepassados e ancestrais e à sua memória do sentimento religioso. Eles não podem emigrar da terra para não quebrar o vínculo imutável que mantêm com estes espíritos (pois deixam de ser réplica da Yvy Maraney onde pessoas e espíritos dividem o espaço), tampouco querem que não-índios importunos penetrem pelo seu sagrado território. É por este motivo que lutam e resistem a qualquer invasão e tentativa de mudança em seu modo de vida e suas crenças (30).

---

(30) Este capítulo foi baseado, em sua maioria, em relatos dados por Teodoro e pelo pajé Honório-Caray. Mas teve apoio em autores como RAMOS, Alcida Rita, 1986; BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1994 e JECUPÉ, Kaka Werá, 1998

## 4. SOBREVIVÊNCIA IDENTITÁRIA

### 4.1. Luta e sobrevivência identitária de um povo

“Na noite em que entrei em Ilhéus fui a pé dar em uma aldeia que estava a sete léguas da vila... E a destruí, e matei todos os que quiseram resistir. Na vinda fui queimando e destruindo todas as aldeias que ficaram para trás. Então se juntaram e vieram me seguindo ao longo da praia outros gentios. Lhes fiz algumas ciladas e os forcei a jogarem-se no mar... Mandei outros índios reunirem os corpos e colocá-los ao longo da praia, em ordem, de forma que tomaram os corpos (alinhados) perto de uma légua...” (31)

“Achamos aqui assados vivos a homens racionais: crianças, mulheres e varões. É costume comum desses homicidas (os paulistas) que quando vão embora apressados queimem os enfermos, os velhos e os impedidos de caminhar”. (32)

É assim que começa a história de luta dos índios brasileiros; luta não por terra, direito à religião, língua ou preservação de crenças e costumes, mas **em primeiro lugar, luta pela vida**. A luta do índio brasileiro começou há 500 anos com a colonização do Brasil (que ainda há quem chame de “descobrimto do Brasil”). Uma luta de tacapes, arcos e flechas contra armas de fogo, em prol da sobrevivência.

A partir da chegada dos povos europeus, os povos indígenas brasileiros passaram a conviver com vários tipos de violência e a todo tempo. Esta era a estratégia seguida pelo europeu para a conquista de novas terras. Os indígenas lutavam em defesa de seu território, mas suas armas eram impotentes em relação às dos colonizadores europeus. Além de ser mais fraco, quando lutava o índio era classificado (e ainda hoje é, por muitos) como selvagem e primitivo. Selvagem no sentido de animalidade dos habitantes primitivos. As cartas que eram mandadas ao rei falavam de um povo que falava com animais, que não era cristianizado, que agia por instintos (sendo até canibais), um ser entre o humano e o animal. Com isso, vêm as missões jesuítas católicas e o índio tem um **trabalho duplo: lutar pela vida e pela sua SOBREVIVÊNCIA IDENTITÁRIA**, lutar para manter aceso entre os membros de sua aldeia tudo aquilo que lhes era ensinado há várias gerações como sagrado e importante. Muitos índios da época tinham incutida em sua cultura a arte da guerra, mas outros eram mais pacíficos.

---

(31) Carta escrita ao Rei de Portugal por Mem de Sá, governador-geral do Brasil em 1560 (Manual CF-2002, 2000)

(32) Relato de Ruiz de Montoya, missionário jesuíta, em 1639, sobre as barbaridades cometidas pelos paulistas à redução jesuíta de Sant’Ana, Paraguai (Manual CF-2002, 2000)

Em relação ao começo, Teodoro diz que os Guarani funcionaram - e ainda são assim - como um vespeiro: quieto e imperceptível até que se mexa com ele... Segundo ele, naquela época os Guarani já faziam agricultura e por isso tinham grande variedade de alimentos. Isto às vezes gerava algumas lutas com outras tribos. Mas sempre foram um povo pacífico e que não tinha como parte de sua cultura a guerra por qualquer motivo. Com a colonização do Brasil, os povos que para cá vieram (europeus) também sentiram “inveja” (palavra de Teodoro) da fartura Guarani. Queriam a terra e os alimentos. Viram que a terra era boa e o povo pacífico. Acabaram escravizando o Guarani e matando aquele que ousasse lutar. Mas os Guarani tiveram que aprender a lutar para defender o que era seu e para que sua cultura, sua identidade, sobrevivessem. Foi aí que surgiu sua “estratégia” de sobrevivência: a migração (já mencionada no capítulo 3.1. Aspectos culturais: identificação social). Como eram um povo muito populoso, foram dividindo-se em grupos com cerca de dez famílias e foram tomando posse de toda terra que encontravam. Assim, quando uma aldeia era dizimada, os sobreviventes iam até a mais próxima para reaver sua vida tribal e com ela manter viva a identidade e as características originais da tribo (33). Porém alguns índios que eram levados, não conseguiam voltar e acabavam obedecendo: eram escravizados, cristianizados e até obrigados a lutar contra sua própria tribo. Sem exercer seus costumes, sua religião e abandonando sua língua e sua família, o índio perdia seus direitos e sua identidade.

Depois de tentar lutar com suas armas em defesa de sua tribo, o índio, enfraquecido e com medo (a mortalidade era de milhares), torna-se “presa” fácil para a escravidão. Porém sua resposta não foi resignada. A luta agora tinha um **terceiro fator além da manutenção da vida e a sobrevivência identitária: a recuperação da liberdade**, que para o índio é muito mais simbólica e abrangente.

Se naquela época o índio não lutasse, sua tendência seria ir perdendo pouco a pouco tudo que o caracteriza: a religião, a terra, os costumes, a liberdade e todo universo simbólico que envolve cada um destes aspectos que dão forma e sentido à sua cultura. Sem a luta o índio desapareceria. As lutas foram armadas, outros fugiram enfrentando perigos, doenças e morte, lutando contra suas próprias forças e contra

---

(33) Dados da luta Guarani de acordo com os relatos de Teodoro

sua própria cultura, que diz que não se abandonam as raízes e o território que foi de seus ancestrais e antepassados. Outros enfrentaram a escravidão, a imposição cultural, ocultando sua identidade, mas jamais a esquecendo (Manual CF-2002, 2000).

A luta pela sobrevivência identitária de um povo só acontece quando este povo resiste em abandonar tudo que ele carrega como carga cultural e pessoal. **A resistência é causa e consequência da luta indígena.** É pelo medo de perder séculos de tradição e ensinamentos, de perder a terra que lhe dá o alimento e que lhe identifica com seu(s) cemitério(s) que o índio luta. A resistência em entregar sua essência e seus símbolos o motiva a lutar. Mas a resistência também é consequência da luta. Como lutam e não se deixam aniquilar, mas preservam, de uma forma ou de outra, o que lhe é ensinado, o índio acaba resistindo a todo investimento de extermínio e consolida/fortifica ainda mais seus traços culturais - ele garante a sobrevivência identitária da tribo.

“Quando a terra-mãe era nosso alimento,  
quando a noite escura formava nosso teto,  
quando o céu e a lua eram nossos pais,  
quando todos éramos irmãos e irmãs,  
quando nossos caciques e anciãos eram grandes líderes,  
quando a justiça dirigia a lei e a sua execução,  
aí outras civilizações chegaram!  
Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas as riquezas, trazendo numa mão a cruz e na outra a espada, sem conhecer ou querer aprender os costumes de nossos povos, nos classificaram abaixo dos animais, roubaram nossas terras e nos levaram para longe delas, transformando em escravos os filhos do sol.  
Entretanto não puderam nos eliminar e  
nem nos fazer esquecer o que somos...  
E mesmo que nosso universo inteiro seja destruído  
nós sobreviveremos por mais tempo que o império da morte!” (34)

A resistência garante a identidade.

---

(34) Declaração Solene dos Povos Indígenas, escrita em 1975, na cidade de Porto Alborni (Manual CF-2002, 2000)

## 4.2. A manutenção da identidade e as formas da resistência cultural

O índio em busca de afirmação e reconhecimento de seus costumes, luta e não deixa que sua presença seja esquecida. Mesmo com uma grande desconsideração histórica (35), o índio estava já nas terras do Paraná antes da colonização e foi lutador em defesa do que já tinha dono: a terra era propriedade indígena há muitos anos.

O colono paranaense chegou armado, desbravando e “eliminando” tudo que fosse capaz de atrapalhar: matas, animais silvestres e inclusive o índio. Mas estes, por sua vez, lutaram e mostraram grande resistência. Há resistência em entregar não só um território, mas os valores de uma vida inteira.

A resistência (cultural e identitária) é uma recusa em aprender e se submeter a valores de uma outra sociedade, é a luta pela manutenção da cultura para não se abandonar os costumes, nem a terra, (36) defendendo a autonomia sobre a liberdade de pensamentos e ações. Ela é uma forma de manter viva a memória de um grupo.

A resistência cultural é um conceito que pode ser focado em duas dimensões: a de preservação da cultura e a de conflito étnico.

### 4.2.1 Preservação da cultura: garantindo a autonomia

Como forma de preservar a cultura, a resistência cultural indígena é uma luta pela autonomia tribal e a identidade com a manutenção dos costumes tradicionais e originais daquela sociedade. É uma reação do grupo indígena, que em resposta à dominação, à imposição de mudanças culturais e à dizimação tribal, luta para que não se altere a expressão global da unidade social e, com isso, não se alterem os fatores hereditários e morais que formam sua estrutura. Esta manifestação de resistência é para que não haja qualquer tipo de mudança ou aniquilação de sua

---

(35) A região oeste do Paraná foi considerada desabitada até a chegada dos colonos, mesmo com o grande número de tribos indígenas. Os documentos da época e registros históricos se referem a vazios demográficos. Os índios existiam, mas foram perdendo suas terras para os fazendeiros e sendo desconsiderados (MOTA, Lúcio Tadeu, 1994)

(36) MOTA, Lúcio Tadeu, 1994

língua, educação, organização do trabalho, estrutura familiar, agricultura, hierarquia tribal, religião, lazer, hábitos alimentares ou dominação de seu território, que é o lugar onde se desenvolve uma história de tradição, identificação com o local, vínculo com os ancestrais e antepassados.

Na visão indígena a dominação e exploração de suas terras é ofensiva e isso faz com que lutem e resistam. Para os índios a terra tem valor cultural e abriga sua cultura, através dos costumes e da herança dos antepassados e ancestrais. Sua resistência não é pela dominação ou riqueza, mas é contra a destruição de sua cultura, para que assim se conserve sua identidade.

O fato de estarem aldeados em locais fixos, determinados pelo governo, pode influenciar, mas não modifica o modo de encarar a terra como fator identitário e cultural e nem impede a luta e resistência (MOTA, Lúcio Tadeu, 1994). O território é visto em termos de relações sociais. Pertencer a um local exige pertencer a uma unidade social e por isso, a uma identidade tribal bem específica. Há portanto uma forte resistência à mudança e uma força do sentimento de identificação tribal que leva estes grupos a lutar para conservar sua identidade e autonomia (RIBEIRO, Darcy, 1996). A vontade de unidade, a não-competitividade e o respeito à natureza são as principais fontes de resistência indígena:

- ?? VONTADE DE UNIDADE – Os índios querem permanecer juntos e entendem que a influência do não-índio separa e faz que se perca tudo aquilo que forma sua identidade, seu EU tribal;
- ?? NÃO-COMPETITIVIDADE – Não há (para o índio) porque disputar. Uma vez que a terra é de posse geral em todos os momentos da vida tribal. Como já visto, todos têm direito sobre o território e ele, enquanto local indígena, é fonte de identificação;
- ?? RESPEITO À NATUREZA – O índio não quer o desenvolvimento para que não se acabe com a relação natureza/cultura, sem a qual sua tradição e herança cultural não têm sentido. (LÉVI-STRAUSS, Claude, 1976. Págs. 322 a 327)

O índio resiste sempre que sua estrutura esteja ameaçada e que sua identidade, com tudo que envolve o grupo, for mexida podendo comprometer a preservação da cultura. Segundo Teodoro, os índios resistem primeiramente porque

ninguém, nenhuma sociedade, quer ver seus valores e crenças dizimados e além disso, não há ser humano que aceite que se tire tudo em que acredita e que lhe imponham uma nova vida. Acrescentando às palavras de Teodoro: não há quem aceite a imposição de uma nova vida que não a sua, nem novas regras e o pior, aquilo que mexe com o mais íntimo das pessoas: a religião (como foi o caso das missões jesuítas, tentando tornar o índio católico). Toda sociedade vive num esquema composto de partes interligadas entre si. Uma depende da outra. Estas partes interligadas têm um sentido próprio e um sentido que vem das outras, ou seja, tem sentido só quando em relação com as outras esferas da cultura. A vida social de um grupo é uma cadeia de relações que dá sentido ao todo.

Quando o índio resiste à dominação ou mudança de seus costumes, ou qualquer coisa que possa impedir a execução da cultura, está defendendo a ordem das relações tribais. Segundo Pedro, os Guarani Ñandeva do Ocoy não gostam de morar perto da cidade e muito menos de precisar ir à cidade. Isto faz com que jovens e adolescentes fiquem curiosos e queiram conhecer a cidade. Quando a conhecem, voltam cheios de dúvidas e conhecem drogas e bebidas. Esta influência da cidade interfere na educação da juventude, que perde o interesse pela cultura e já não pratica o que o pajé e os mais velhos ensinam como verdade cultural. A quebra na educação dos jovens interfere em outros pontos da cultura, ou seja, desestrutura o esquema social.

A luta e resistência são para que não se quebre a estrutura social e com a manutenção dela se garanta a sobrevivência identitária. Uma das formas de garantir a sobrevivência identitária para os Guarani Ñandeva do Ocoy é a “estratégia” de mudança em caso de ameaça à sua estrutura social (já visto anteriormente). A cultura deve sobreviver para garantir os direitos tribais. Garantindo os direitos sobre o território se garante a autonomia tribal e a cultura é preservada. Os direitos tribais - como a hierarquia e a estrutura de poder - e a autonomia tribal, são preservadas pelos Guarani Ñandeva do Ocoy. Podemos verificar isto pelas seguintes atitudes:

?? A formação da Semana Cultural Indígena, que este ano faz sua segunda edição, permite aos Guarani Ñandeva do Ocoy ensinar sua cultura aos não-índios e não só aprender com eles, é uma forma de acabar com o etnocentrismo;

- ?? Os Guarani vendem seu artesanato, o que permite um controle de cada família sobre o que ganham sem ter que dar satisfações à FUNAI, ou a qualquer pessoa;
- ?? Fazem pedágio na entrada da aldeia, o que garante a eles a autonomia de decidir quem entra e quando entra na tribo;
- ?? O cacique tem autoridade para deixar entrar visitas na tribo (seja de uma pessoa ou de um grupo). Ele não depende só da autorização da FUNAI, exercendo assim seu papel de líder;
- ?? Nas entrevistas, os índios têm liberdade para falar o que quiserem, não são policiados ou censurados e não precisam ter alguém que fale por eles.

“A atitude aguerrida de defesa enérgica contra a invasão de seus territórios e de agressividade contra frentes pioneiras, explica a preservação de alguns grupos indígenas que, assim, puderam manter sua autonomia embora (algumas) sofram perdas e transformações” (37)

A resistência existe como parte do índio. Eles têm consciência de identidade e preservação da cultura, por isso resistem. Os Guarani Ñandeva do Ocoy resistem, além das questões culturais e identitárias, por motivos religiosos, pois como o território é herança dos ancestrais e antepassados e guarda o cemitério, no qual grande parte da cultura está embasada, não pode ser deixado. O estímulo em lutar é dado pelo exemplo de força de seus ancestrais e antepassados, que através de lutas, principalmente na época que os europeus vieram colonizar o Brasil, conseguiram merecer Yvy Maraney. Se cuidarem de seu território e de seu cemitério, estarão preservando a cultura e merecerão Yvy Maraney. Se não em vida, ao menos garantem seu papel cumprido diante dos ancestrais em defesa da terra e mantêm acesa a tradição que recebem deles.

Em Yvy Maraney (terra sem males) o índio não precisa lutar nem fazer resistência à qualquer tipo de dominação ou tentativa de dizimação de sua sociedade. Ele vive sua cultura, repassando-a de geração em geração, e por isso garante a sobrevivência identitária.

---

(37) RIBEIRO, Darcy, 1986

#### 4.2.2 Conflito e resistência: relacionamento resultante do contato interétnico

Outra dimensão da resistência indígena é a de geradora de conflito étnico. O índio, enquanto parte de uma cultura, não aceita simplesmente a intervenção de outra cultura. Para poder preservar a sua, toda vez que outras sociedades se dirigem ao índio para dominá-lo, ele reage e resiste. A resistência do índio à dominação gera o conflito étnico. Ao resistir, o índio satisfaz as vontades e anseios de sua tribo, cumpre seu papel de manter a tradição e tenta negar a vontade do dominador. Sem que a tribo resista a alguns tipos de contato, pode haver uma desmoralização do ethos de sua cultura e uma alteração em sua condição social e de existência. Para gerar e manter uma resistência que sustentará a cultura, a sociedade deve estar sentindo-se acuada ou ameaçada em seus valores.

A resistência indígena existe pelo desrespeito que geralmente cerca as relações com outras sociedades. Isso se dá pelo forte etnocentrismo (38) que existe nas sociedades não-índias, sociedade dos brancos, que não respeitam o modo de vida – o teko – indígena, na maioria das vezes, por não terem o mínimo conhecimento das relações simbólicas destas sociedades. Nas condições atuais, em que a dependência de produtos e instituições das sociedades industriais é parte da maioria das sociedades do mundo, a relação de índios com não-índios exige mudança. A redução drástica das diferentes culturas entre grupos étnicos pode gerar a aniquilação de uma cultura, ou parte dela, perdendo-se com isso a identidade do grupo (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1997).

Na situação de contato, a resistência é um dos fatores determinantes da continuidade da identidade indígena. Ela garante que haja apenas modificação em poucos aspectos culturais, permitindo assim a sobrevivência identitária e o reconhecimento cultural dos membros da sociedade entre si e diante do Outro.

Como conflito étnico, a resistência tem como função reagir à tentativa de dominação e às mudanças culturais, além de lutar contra a dizimação tribal e a favor

---

(38) Conceito que significa “visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossa definição do que é a existência. No plano intelectual, é a dificuldade de pensar a diferença...” (ROCHA, Everardo, 1994. Pág. 07)

da integridade da estrutura social. Por mudança cultural pode-se entender:

“a alteração na harmônica expressão global de todo o sentir, pensar e querer, agir e reagir de uma unidade social, expressão que nasce de uma combinação de fatores hereditários, físicos e psíquicos com fatores coletivos morais, e que, unida ao equipamento civilizador, como, por exemplo, instrumentos armas, etc., dá à unidade social a capacidade e a independência necessária à luta material e espiritual pela vida”. (39)

Isso causa a progressiva perda de autonomia tribal, a irreversibilidade do processo e a ocupação definitiva dos territórios indígenas. A tentativa de dominação se dá pela forma como o branco exerce poder sobre o índio, julgando-o mais fraco, submisso e incapaz de dar ordem a um segmento social.

“Entende-se por poder a oportunidade existente dentro de uma relação social que permite a alguém impor a sua própria vontade mesmo contra a resistência e independentemente da base na qual esta oportunidade se fundamenta”. (40)

Porém, a articulação da resistência também se encontra nas relações entre poder e cultura, onde o grupo se afirma negando as identidades etnocêntricas que queiram dominá-lo.

O índio, quando entra em contato com a sociedade não-índia, é para satisfação de suas necessidades básicas, ou seja, para provimento de algumas necessidades que a aldeia já não lhe oferece. O índio hoje, apesar dos abusos (principalmente sexuais) e preconceitos que possa sofrer pelo não-índio, luta e tenta se impor, resiste à pura e simples aculturação.

“Aculturação é o resultado da influência de padrões estrangeiros na cultura orgânica de um povo. O elemento aculturado pode assimilar-se ou não, mantendo-se relativamente original, lembrando a forma tradicional no meio do complexo em que age, protocolando suas técnicas. Em alguns casos, muitas coisas vindas de fora e comumente usadas não constituem adiantamento algum nem mesmo respondem a uma carência real. A aculturação é processo normal e vivo na aquisição de novos padrões de cultura pelo excitação dos elementos influentes”. (41)

O conceito de aculturação descreve como é geralmente o comportamento do índio em relação ao contato com o não-índio. Mas este conceito deixa de ser importante, ou é menos utilizado, a partir da década de 60, quando surge o conceito de fricção interétnica (usado por vários autores brasileiros, como Roberto Cardoso de Oliveira) que pôde definir melhor a situação de contato entre índios e não-índios.

---

(39) BALDUS, Herbert, 1979. Página 160

(40) WEBER, Max, 1989. Página 107

(41) CASCUDO, Luiz da Câmara, 1983

O conceito de fricção interétnica - “contato étnico onde a relação entre as sociedades é de fricção” (OLIVEIRA, Roberto C., 1964) - coloca o índio como aquele que tem consciência de sua identidade e que luta para conservá-la e através disso passa a tradição para os mais novos da aldeia. Assim perpetuam a cultura tribal. É a partir da fricção (e não pura assimilação) entre as etnias, que surge o conceito de resistência indígena: a luta pela manutenção da identidade, preservação da cultura e geradora de conflitos contra a dominação. O contato interétnico estabelece uma relação não pacífica porque uma das etnias se mostra mais segura e tenta impor uma nova identidade à outra. Porém a etnia que se quer dominar mostra resistência. Isso permite que mantenha sua identificação e defenda seu território da invasão. Essa defesa enérgica preserva a autonomia tribal (OLIVEIRA, Roberto Cardoso, 1964). Apesar disso, a resistência indígena, como há 500 anos, ainda enfrenta a violência no contato interétnico. É a violência estrutural, através das invasões de terras, aliciamentos, roubos, fome, prostituição, discriminação, repressão cultural e religiosa. Mas uma das principais causas da violência contra o índio é realmente a cobiça de suas terras.

Por causa das lutas territoriais entre índios e colonos, o índio era e é considerado fora da lei e seu assassinato, há algumas décadas, era obra meritória. Os brancos vêem no índio um obstáculo à sua expansão, às lavouras. A descoberta de qualquer elemento suscetível de exploração (seringal, estradas, lençóis freáticos, minérios...) equivale à condenação dos índios, que são pressionados a desocupá-las. Aí surgem projetos de colonização, abertura de estradas, hidrelétricas, linhas de transmissão, gasodutos, oleodutos e unidades de conservação ambiental (MANUAL CF-2002, 2000) (42). Nestas disputas pela terra, o índio busca o contato amistoso, porém o branco dificulta qualquer relação pacífica ao negar-se, inclusive, de escutar as lideranças indígenas e seus anseios.

Os Guarani Nãndeva do Ocoy vêm enfrentando dois tipos de fricção interétnica. E têm resistido em defesa de seu território, abrigo dos cemitérios de seus antepassados, e em pedido de um aumento do território, já que a população da área aumentou. A briga é com a Itaipu e com os fazendeiros.

---

(42) A questão das unidades de conservação será explicada no próximo capítulo.

Na discussão com os fazendeiros, a relação é como a citada acima: os colonos vêem os índios como vagabundos que não usufruem corretamente da terra. Baseados nisso, negam-se terminantemente a vender parte de suas terras para a ampliação do território Guarani do Ocoy, que é bastante estreito (cerca de 200m de largura acima do Lago). Os índios estão de um lado do Lago e os fazendeiros do outro.

Outra briga dos Guarani Ñandeva do Ocoy é com a Hidrelétrica Itaipu Binacional, também em defesa de seu território. Além dos fazendeiros que não querem ceder para o aumento do território indígena, a Itaipu quer o atual território Guarani para mais uma inundação, e assim, formação de mais um lago. Pela presença do cemitério e por ser uma herança de seus antepassados (43) tanto lideranças indígenas quanto FUNAI estão tentando acordo com a Itaipu para que não alague o território indígena.

No livro “Itaipu, a luz”, as alegações da Itaipu falam de uma transição da Jacutinga (Rio Paraná) para São Miguel do Iguazu (Rio Ocoy – atual Lago do Ocoy) tranqüila, pacífica, legal e que permitia a realização do tekoá indígena, além de ser fértil a terra. Porém, apesar de já existirem famílias Guarani em São Miguel, o aumento da população com o reassentamento dos índios da Jacutinga e o estreitamento da faixa de terras fizeram com que no início, há mais ou menos 20 anos, os índios tivessem de vender matéria-prima para sua subsistência. Hoje a Itaipu processa a FUNAI pelo uso indevido de matas nativas, pela derrubada e venda das árvores pelos índios. Mas a FUNAI apóia os Guarani do Ocoy e sabe das condições do local quando houve o reassentamento (44).

O índio resiste não ao branco em si, mas à tentativa de dominação de seu território. No caso dos Guarani, povo profundamente religioso, a religião é o núcleo de resistência da cultura nas situações de contato e persiste como doutrina e expressão social enquanto tiver apoio e respaldo na organização social do grupo (SCHADEN, Egon, 1983).

---

(43) O território é onde se dá o Teko (modo de viver indígena), por isso é tão importante para a tribo.

(44) Informações baseadas em depoimentos de Teodoro e Pedro

A religião, a crença no solo sagrado e dominado pela tradição dos antepassados, faz com que os Guarani do Ocoy resistam e lutem pela sobrevivência da cultura e dos costumes, e com isso pela sobrevivência identitária.

“Os Guarani Ñandeva do Ocoy parecem confirmar sua grande resistência cultural pela importância que ainda atribuem à representação religiosa, aos lugares reservados aos mortos, às rezas, às danças (...)” e além disso, “(...) a preservação da língua expressa um certo estilo muito peculiar aos Guarani em seu esforço de preservar a identidade étnica” (45).

---

(45) CARVALHO, Edgard de Assis, 1981

## 5. CAMPO SAGRADO: UMA QUESTÃO CULTURAL E TERRITORIAL GUARANI

### 5.1 O índio e o problema do território como meio cultural

Depois de explicada a importância do território como meio cultural para o indígena, agora será explicado como esta concepção cultural do território pode ser um problema, principalmente para o indígena (esta explicação só está sendo feita agora porque antes era preciso explicar os conflitos interétnicos gerados pela resistência indígena à dominação). Uma das causas dos conflitos interétnicos é a disparidade de valores que são atribuídos à terra por índios e não-índios.

Por dominação entende-se:

“a oportunidade de ter comando de um dado conteúdo específico obedecido por um dado grupo de pessoas” (46)

Portanto, quando uma sociedade tenta dominar a outra, querendo extinguir sua cultura ou impedir que se manifeste e lute por sua identidade, o que está tentando é a assimilação do dominado e seu desenraizamento cultural, impedir suas práticas rituais, suas crenças e a manutenção de seus valores/símbolos sobre o território. O dominador quer dar novo sentido àquilo que já tinha significado na sociedade que se quer dominar. Por ambição, ou mesmo ignorância da cultura e estrutura social do Outro, o dominador quer que tudo se apague e tome-se sua concepção das coisas. É aí que o território como meio cultural pode tornar-se um problema para o dominador, que não vê no mesmo sentido e enfrenta a resistência do dominado (indígena), e pode ser um problema para o índio que perderá seu local de realização da cultura. O território, para ambos é parte de uma coesão - a sociedade - que é interiorizada pelo grupo. Ou seja, cada grupo atribui um significado para o território de acordo com estes princípios de coesão. Em ambos os casos, apesar da diferente significação, o território é o lugar onde se desenvolve todo o sistema de uma sociedade. O rompimento com este sistema gera mudança cultural. Mas aqui veremos a **manutenção** e **adaptação** que são elementos vitais que devem ser considerados na análise do sistema. Estes dois fatores ligam-se diretamente à idéia

---

(46) WEBER, Max, 1989

de desenvolvimento do sistema.

“O funcionamento do sistema, implicando os impulsos para o desenvolvimento da sociedade, ocorre quando a estrutura e a cultura vigorantes no sistema social são incapazes de enfrentar os problemas ou desafios à sua frente sem maior diferenciação estrutural (...). Os problemas que envolvem um sistema social podem ser delimitados com papéis, estruturas e subsistemas que começam a ganhar influência” (47)

Há uma luta pelo poder porque as sociedades não-índias/brancas têm sua estrutura fundamentada na dimensão econômica e política, onde as coisas – inclusive o tempo – têm que ter utilidade e gerar lucro. Este pensamento é muito diferenciado da concepção de vida do índio. A disputa pela terra não é apenas entre indígenas e fazendeiros/colonos. Há brigas que estão na Justiça desde a década de 70 e que ainda hoje são discutidas. É o caso da briga índios/indigenistas x ambientalistas.

O Brasil tem 203 Unidades de Conservação (nome genérico para a rede de parques e florestas nacionais). Juntas estas áreas somam 45 milhões de hectares, equivalendo a quase 8% do território brasileiro. Esse número, para os ambientalistas, está abaixo da meta de preservação de 10% de biomas, para a conservação da biodiversidade. Do outro lado, sob a proteção da FUNAI, está o interesse de uma população de 325,6 mil índios em 561 áreas indígenas, num total de 10,8% do território nacional. A sobreposição das áreas indígenas com as Unidades de Conservação (UC) atravessa o país de norte a sul. Os índios buscam ocupar as poucas terras que os brancos/não índios deixaram intactas, ou seja, com fontes para a pesca, a coleta, a caça e os ritos da natureza, e os ambientalistas querem preservar. Quando ocupam reservas que coincidam com UCs, os índios não podem caçar nem pescar pois há espécies da fauna e da flora silvestre que não devem ser tocadas. Aí o índio – sem caçar ou pescar – quer plantar. Mas é proibido desmatar a área para implantação de roças. Vê-se portanto o problema da conservação dos biótipos naturais sem se observar o problema do índio em perder seu território e portanto, seu meio cultural (Revista GALILEU, 2002). Novamente, o território, com a perspectiva de meio cultural indígena, torna-se um problema para índios e não-índios.

---

(46) BRITO, Sulivam Pereira, 1989

A importância do território, para ambos, se dá não apenas pela representação cultural (a mais relevante significação de território para o índio, que o vê como lugar sagrado), mas pela posse da terra, que dá segurança aos indivíduos que vivem em tais sociedades, além de garantir os recursos. O território existe dependentemente das representações humanas: através das representações sociais, culturais e até lingüísticas que fazemos sob a forma de crenças (SEMPRINI, Andrea, 1999). É visto através de várias formas, sendo problema ou solução para cada sociedade dependendo dos valores que o atribuem. Cada cultura é o resultado de uma história própria, o que inclui suas relações com outras culturas, que em alguns casos, têm características bem diferentes (MANUAL CF-2002, 2000).

O TERRITÓRIO COMO MEIO CULTURAL INDÍGENA PODE SER UM PROBLEMA PARA O BRANCO porque ainda há muita falta de informação à respeito da estrutura social indígena, além de aparecer incrustada na sociedade do branco/não índio aquela visão: índio não trabalha o dia todo, logo, é vagabundo, não pensa no futuro dos filhos e não merece respeito. O que se deve entender é que as construções do que é ou não importante diferem de cultura à cultura. O branco vê a terra como provedora de suas necessidades, meio de produção e fonte de lucro para proteção econômica de si e de sua família. É um problema também porque gera saques, assaltos e invasões dos índios revoltados com as áreas que lhes foram tiradas. As zonas que mais sofrem com as invasões indígenas são as de colonização, onde o índio pode até ter ação cruel e revoltosa pela tomada de seus territórios. Frente à uma concepção do território que o branco não consegue compreender ou gerir, frente à crise, frente à tomada de poder da diferença sobre a igualdade e frente ao revigoramento de outros paradigmas – social, cultural, étnico, religioso – o branco não consegue mais legitimar ou justificar sua ambição de exercer dominação do espaço social, o território (SEMPRINI, Andrea, 1999). Na sociedade não-índia, há uma tendência permanente em folclorizar a cultura indígena. Assim como usam indumentárias indígenas de valor simbólico-religioso como fantasia, pensam sua visão da terra como mítica e folclórica. Isso é consequência da visão equivocada sobre os valores dos símbolos na cultura do Outro (o índio).

O ÍNDIO E O PROBLEMA DO TERRITÓRIO COMO MEIO CULTURAL. A ordem social, religiosa e ritual tem muito valor na importância do território para o indígena. O valor do território indígena já foi mencionado anteriormente mas é importante lembrar que ele está ligado à história cultural, que é embasada na religiosidade e com isso orienta os movimentos espaciais das aldeias (RAMOS, Alcida Rita, 1986). Mas esta atribuição significativa do índio ao território, quando em contato com o branco causa problemas para sua identificação. Uma forma de isso ser um problema é que se cria uma imagem do índio ingênuo, que não pensa racionalmente no território como a sociedade não-índia. Assim acredita-se na incapacidade do índio e são tomadas algumas decisões (pelos órgãos que representam o índio) sem a consulta à comunidade indígena. Tira-se, desta forma, o papel do índio de defesa de seu patrimônio (OLIVEIRA, Roberto C, 1988). Outra forma de ser um problema sua visão cultural da terra é, segundo Teodoro, fazer o índio crer – principalmente os mais jovens, influenciados pela cidade – que o território deve ser comercializado e não apenas conservado como meio de cultura. Assim se está estimulando que pense que tudo que aprendeu na tribo é mentira. Acaba-se a tradição e acaba-se a sociedade indígena.

Na ridicularização ou esnobação do valor cultural da terra, causa-se uma traumatização social que pode destruir a imagem identitária, a estrutura tribal e confundir a fé de toda a aldeia. A consciência do espaço territorial como meio cultural, que é mantida pelos mais velhos, é o que se necessita resgatar com mais urgência, afinal, a maioria dos mitos e das histórias dos povos indígenas acontecem ali. O fortalecimento dessa consciência nas crianças fortalecerá a identidade sem dispersá-la.

“Nas culturas indígenas há sempre um zelo, uma atenção especial dedicada aos mais velhos, aos anciãos, para sua manutenção. Eles transmitem às crianças os seus conhecimentos. Assim, estes serão assegurados às futuras gerações”. (47)

Para o branco, o território gera conquista e para o índio protege a cultura; para o branco a terra pertence ao homem e para o índio é o homem que pertence à terra...

---

(47) MANUAL CF-2002, 2000

A questão do território como problema para ambas as sociedades é que há diferença de comportamento, há determinismos (geográficos, sociais...) que impossibilitam que índios e brancos tenham a mesma concepção de território. Porém o índio sofre e perde sua identidade. Enfim, o território como meio cultural é problema para o não-índio, que quer geração de lucros porque sua sociedade assim lhe exige, e para o indígena que é ridicularizado e discriminado, e assim se dissipa o jovem indígena, o que acaba desintegrando a cultura (LARAIA, Roque de Barros, 1993). A identidade permite que a história destes povos continue a ser escrita reinserindo-os no atual momento histórico.

## 5.2 Índio como problema no Ocoy e no Brasil

Exatamente assim que muitos falam do índio: um problema para o Brasil, um problema para o desenvolvimento, para o progresso, para as pessoas da cidade (não-índios) que quando os vêem afastam-se com um pré-conceito do índio, o que o impede de conhecer o índio.

Até aqui o que se viu foi que não há mais o mito rousseauiano do bom selvagem. O índio é bom e vive suas relações sociais até que seja agredido em suas crenças. Ele quer preservar aquilo que lhe vem de herança quando nasce e quando um velho morre. O indígena hoje luta, se manifesta, quer ser ouvido, já que é parte de um país múltiplo como o Brasil. Isto funciona assim em todas as tribos; funciona assim entre os Guarani Ñandeva do Ocoy que têm resistido à falta de percepção do não-índio do quão importante é seu território e tudo aquilo que nele está.

Como diz Teodoro, a terra recebe-lhes com alimentos quando nascem e lhes receberá no descanso (os Guarani Ñandeva do Ocoy não chamam de morte): a terra é como a mãe deles. Isto quer dizer que os Guarani Ñandeva do Ocoy estão umbilicalmente ligados à terra. A terra que lhe provê os alimentos, que sustenta todos os vínculos culturais que garantem a identidade, a terra que caracteriza cada grupo indígena (através das casas de reza, cemitérios, disposição das ogas...), a terra que abriga toda a família, mesmo em espírito, a terra que garante sua sobrevivência, não só de subsistência, mas como o grupo Guarani Ñandeva do Ocoy. É por todo este ciclo de vida que lutam com os colonos e a Itaipu. Não entendem como a terra é tão disputada até com morte, se ela é para todos, foi feita para todos usarem.

No Brasil, a defesa do território indígena é para levar entendimento sobre seu valor aos ambientalistas, progressistas... Como não se quer que o índio atrapalhe o desenvolvimento e nem a conservação da fauna e da flora, então ele é um problema, um alguém deslocado dentro de seu país. Isto gera medo e incertezas que, muitas vezes, fazem o índio sair da aldeia e viver na cidade.

O índio, há 500 anos é um problema para o Brasil. Por mais que se queira dizer que não, vê-se todos os dias índios serem discriminados, estuprados, violentados, ateados com fogo... Ainda não há a visão da importância e valor do Outro. Isto se percebe nos livros de história regionais, principalmente no Paraná, ou

melhor, nem se percebe, porque não são ditos... Os livros que contam a história do Paraná ou de alguma região, omitem, em sua maioria, a grande e potente presença do índio na colonização. Na história de Toledo, por exemplo, escrita por cerca de cinco autores, em todos os livros o índio aparece em pouco mais de meia página, em histórias com cerca de 200 a 300 páginas. Quando os colonos daqui se referem ao índio, falam de um selvagem que atacava seus acampamentos à noite com arcos e flechas, índio que eram um problema para o colono. O que não contam é que quando chegaram aqui, foram “limpando” a área, matando tudo e todos que pudessem obstruir sua passagem.

Esta idéia de vazío da historiografia regional (em todos os estados do Brasil) se dá pela ainda presente discriminação indígena e pela visão do índio como algo do passado. Um problema para a colonização. Os índios são discriminados em razão de uma visão que foi se dando dele, não como diferente, mas como um povo inferior, ameaçador. No Ocoy ou no Brasil o índio é um ingênuo que fala com animais e que pede chuva dançando. Mas quando se defende em ataques à sua tribo, ele é selvagem, feroz, um verdadeiro animal (48).

Não é de se entender como se vê uma etnia como problema num país plural como o Brasil. No território brasileiro existe uma infinidade de diferenciações étnico-culturais. As populações tradicionais se constituem em grupos sociais com legitimidade de representação própria. Num breve olhar percebe-se índios, brancos, negros, ciganos, migrantes europeus e asiáticos e tantos outros povos. Há vários clãs que formam a coletividade-povo do Brasil. Todos têm sua identidade particular manifestada de várias formas, pintura corporal, relação familiar, participação em festas e costumes originais... Todos deveriam se respeitar e fazerem realmente parte de um mesmo povo, de uma mesma pátria. Quanto mais fortalecida estiver a identidade, mais fortalecida estará a etnia e sua cultura (MANUAL CF-2002, 2000).

Para manter essa identidade é preciso que se mantenham os costumes: comidas típicas, chás, ervas de cura... Então como ver o índio enquanto problema se muito de seus costumes e hábitos fazem parte do cotidiano do não-índio? Antes de

---

(48) Na época da colonização do Brasil chegou-se até pôr em dúvida a humanidade do índio, que no início era visto como um ser entre o animal e o humano, um ser sem alma (LESTRINGANT, Frank, 1997)

tudo se deve lembrar dos elementos indígenas que foram incorporados pelo não-índio e que fazem parte de seu dia-a-dia, como uma herança dos poucos momentos de paz em que índios e brancos/não-índios trocaram habilidades e saberes. O índio ensinou o uso do solo, a agricultura nômade, remanejamento de capoeiras, como plantar grãos e frutas, ensinou a coleta de modo diferente, ensinou comer mandioca, batata-doce, feijão, ensinou a farmacopéia indígena (plantas medicinais, estimulantes, cultivadas e silvestres), captura de animais, seus tabus alimentares, a não depredação do ambiente. Mostrou a arte indígena, sua rede de dormir, rezas e a forma não maliciosa de encarar a sexualidade (RIBEIRO, Berta, 1987).

Não só seus hábitos alimentares e de cura, mas também ensinou ao não-índio muitas formas de se conhecer o Outro e respeitá-lo, seja quem for. Explicou ao branco que o índio divide, que a terra deve ser de todos porque todos são dela, que deve haver respeito para haver paz (palavras de Pedro, ex-cacique).

É preciso remodelar a visão da identidade do povo brasileiro, agregando-lhe a noção de que o índio é uma etnia milenar. Uma das mais nobres e eficientes formas de concretizar isso é reintegrar ao universo da educação a perspectiva universal dos valores contidos na tradição indígena (JECUPÉ, Kaka Werá, 1998).

### 5.3 A visão indígena do Brasil

Um lugar que era deles e que hoje não exerce seu papel de pátria, aquela que acolhe seus filhos. O Brasil, na visão indígena Guarani Ñandeva do Ocoy, é seu grande Campo Sagrado. Além de toda sua família, cultura, aldeias e tekóas estarem neste país, é no leste que se encontra a terra sem males, Yvy Maraney; no leste do Brasil. Não só a aldeia é o Campo Sagrado, mas o país no qual vivem há séculos e de onde tiram sua subsistência, tradição e toda bagagem cultural.

Mas o Brasil tem muitos problemas. Na visão indígena o problema do Brasil não é o índio como dificultador do progresso e sim a mentalidade do branco, que ainda impõe a dominação num comportamento neocolonial ou de colonialismo interno e ainda não superado ainda hoje.

Para Teodoro, a solução para se mudar a visão indígena do Brasil é que quando o índio for dialogar, indagar sobre questões que sejam de interesse dele e do não-índio haja espaço para a interação, onde todos possam falar e ouvir. O indígena vê o Brasil como sua terra-mãe, mas o verá como sua pátria quando esse encontro promover trocas enriquecedoras entre uma cultura e outra, tanto de produtos materiais quanto de valores espirituais.

Na procura das semelhanças, os índios buscam elementos de seu sistema social que tenham correspondentes nas sociedades não-índias. Esta é uma tentativa do índio de demonstrar ao branco que também são humanos, também têm valores muito importantes – e relevantes – em seus costumes e crenças (MELATTI, Julio Cezar, 1983).

O ponto de partida para uma nova visão indígena do Brasil deve ser reconhecer que não há certo ou errado; que um deve procurar conhecer o Outro sem querer anulá-lo. Os índios, tidos como incapazes pelos não-índios, são os que mais buscam entender e explicar o Outro, enquanto o Outro (não-índio) ocupa uma postura notadamente etnocêntrica. O índio está mais próximo de realizar a “fusão de horizontes” do que os grandes líderes da sociedade não-índia (OLIVEIRA, Roberto Cardoso, 1988).

É nessa busca de reconhecer o Brasil como pátria que o índio chora, se questiona e manifesta sua revolta. A foto e o desabafo são de Gildo Terena, representando todos os índios do Brasil, inclusive os Guarani Nãndeva do Ocoy, na manifestação “Comemorar o quê?” em Santa Cruz de Cabrália (Bahia) na comemoração dos 500 Anos do Brasil em 2000, ao desabafar a dor indígena do não-reconhecimento perante a tropa de choque do batalhão da Polícia Militar baiana:



“Doeu em mim, eu vi mulher chorando sem saber de nada. Doeu em mim, ver crianças olhando com desespero, eu sabia que eu era um ser humano, mas não um animal para ser tratado com bombas, com os cavalos. Ali, com a humilhação de todos os povos em mim, me pus de joelhos, me humilhei dizendo: parem com isso! Ali, eu senti como se fosse Cabral entrando na nossa terra brasileira, eu senti de novos outros 500 anos que eu ia sentir de massacre e violência para meu povo. Quando eu levantei, vi um daqueles (policiais) colocando mais uma bomba, pra jogar para o lado do meu povo, eu abri os meus braços, que era para eles jogar em mim e não neles. Nisso eu fui empurrado pela bomba e eu caí no chão sem defesa nenhuma, Eu tentei levantar e fui pisoteado pelo batalhão. Senti como se fosse animal, depois. Eu chorei, eu não agüentei ver em mim que índio pisado, pisado no começo de uma nova era dos 500 anos. Eu chorei, chorei me perguntando o que eles estavam fazendo. E eu agradeço a todos os que têm coração índio, que têm um coração de espírito... que vê o outro índio, ou não-índio, negro ou branco, que possa olhar como ser humano aquele que pede esmola, aquele que não tem onde morar, aquele que tem racismo, que possa sentir em si o que nós temos no coração...” (MANUAL CF-2002, 2000).

## CONCLUSÃO

É depois de se conhecer a realidade indígena e o modo como encaram a vida que se passa a valorizar a espiritualidade e a cultura. Todos temos cultura e sabemos disso, mas a cultura no seu sentido conceitual, quem vive são os indígenas:

“Cultura é a expressão de um estado da sociedade e da vida social. É a soma dos conhecimentos, das atitudes e dos modelos habituais de comportamento que os membros de uma determinada sociedade têm em comum e transmitem” (49), ou ainda, “designa a herança social de todo gênero humano. Em seu sentido específico, a cultura designa um tipo particular de herança social. Logo, a cultura em seu conjunto é formada por um grande número de culturas, sendo cada uma característica de um certo grupo de indivíduos” (50).

Cada setor, cada referência cultural é vivida entre os indígenas de forma intensa. É só a partir do entendimento de como vivem e como expressam a cultura que se entende o valor de cada coisa para eles. Como o cemitério.

O cemitério indígena é ponto fortíssimo de cultura, é onde as relações e a esperança em Yvy Maraney se dão. É o que motiva os Guarani Ñandeva do Ocoy a lutarem e defenderem-se de qualquer tipo de controle de suas crenças.

É neste ponto que esta pesquisa atinge sua importância. Ao levar ao conhecimento dos leitores o surgimento das tribos indígenas, como é sua cultura, religião, as formas como se identificam para si e para os não-índios/brancos, sua luta pela vida, pela identidade e pela liberdade de filhos do Brasil. É preciso que o índio seja levado a sério, que sua causa seja levada a sério, já que ele é um ser humano com anseios e que, como qualquer outro, quer proteger o que é seu e sua família. Mas o índio tem algo de diferente sim: ele quer preservar seu modo de vida originalmente para merecer estar com seus antepassados e passar isto à sua geração seguinte. É preciso que o índio seja levado a sério não só no Ocoy, na região oeste do Paraná ou no Brasil, mas na mente estigmatizante e formadora de pré-conceitos daqueles que insistem em maldizer o que não conhecem.

Quando se fala, em direitos dos índios, a primeira coisa que as pessoas dizem é que eles já têm terras suficientes nas quais produzem muito pouco. O que a

---

(49) TYLOR, apud BOUDON, Raymond, 1995

(50) LINTON, Ralph, apud BOUDON, Raymond, 1995

sociedade não-índia não consegue entender é que a cultura indígena é diferente da sua cultura capitalista que só visa o lucro e a produção em larga escala para fins lucrativos. Grandes áreas de terras, para eles, significam lugar apropriado para que possam caçar, pescar e colher frutos, pois esse é o seu modo de subsistência.

Nos dias de hoje, muito se fala de aculturação, do índio malandro que não é mais índio, que usa roupas e que – em alguns casos – tem celular. Isso serve de justificativa para dizer que o índio é irrelevante, é alguém que atrapalha o progresso e que já não tem sua identidade. Mas, como explicou Teodoro, não é porque o índio usa roupas que deixou de ser índio. Não é porque ele foi na cidade que deixou de ser original. É aquilo que o índio traz dentro de si, sua alma e sentimentos que o fazem índio.

Assim como a nossa cultura se renova constantemente, o que faz com que critiquemos as mudanças que porventura ocorram em sua cultura? Quando o branco chegou à comunidade indígena levando doenças e pragas, o índio deveria ter morrido sem lutar e sem se precaver, apenas porque em sua sociedade não existiam remédios químicos? Se as doenças que levamos para o meio deles não tivessem cura com os chás que eles conheciam, eles deveriam todos ter morrido e ter extinta sua raça porque isto não fazia parte de sua cultura? Se assim fosse, por que nós procuraríamos plantas medicinais para a cura de tantas doenças (afinal, isto é método de cura indígena e que antes do contato com eles não fazia parte de nossa cultura)?

O que torna o branco diferente do índio não é uma capacidade de acúmulo do branco ou incapacidade do índio de querer lucros em seu trabalho, mas sim o modo de observar e viver outros setores, como a religião, o artesanato, a pesca; setores que a sociedade não-índia não vive com a mesma intensidade.

Creio que os objetivos pretendidos - mostrar o indígena e seus pensamentos e concepções de mundo - foram alcançados. Esta pesquisa propunha-se mostrar que o índio Guarani Ñandeva do Ocoy está, resumindo tudo, em defesa de sua vida. A força que engloba sua cultura, identidade, religião e resistência é a vida. O Guarani do Ocoy quer viver. O índio brasileiro quer viver e quer que sua identidade sobreviva.

**A RESISTÊNCIA CULTURAL ÍNDIGENA é QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA IDENTITÁRIA no Ocoy, no Paraná, no Brasil...**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ?? **BALDUS**, Herbert. ENSAIOS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA. Ed. Brasiliense, SP, 1979.
- ?? **BECKER**, Ítala Basile. O ÍNDIO KAINGANG NO RIO GRANDE DO SUL. Ed. Unisinos, RS, 1995.
- ?? **BOUDON**, Raymond (org). TRATADO DE SOCIOLOGIA. Jorge Zahar Editor, RJ, 1995.
- ?? **BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. IDENTIDADE E ETNIA. Ed. Brasiliense, SP, 1986.
- ?? \_\_\_\_\_. “Participar-pesquisar”, in, REPENSANDO A PESQUISA PARTICIPANTE. Ed. Brasiliense, SP, 1987.
- ?? \_\_\_\_\_. SOMOS AS ÁGUAS PURAS. Ed. Papirus, SP, 1994.
- ?? **BRAZ**, Fábio César. HISTÓRIA DO PARANÁ. Ed. El Shaddai, 1ª ed, PR, 2000.
- ?? **BRITO**, Sulivam Pereira. A SOCIOLOGIA E A ABORDAGEM SISTÊMICA. Ed. Papirus, SP, 1989.
- ?? **CARVALHO**, Edgard de Assis. AVÁ-GUARANI DO OCOY – JACUTINGA. CIMI/SUL e ANAI/PR, 1981.
- ?? **CASCUDO**, Luiz da Câmara. CIVILIZAÇÃO E CULTURA. Ed. Itatiaia, MG, 1983.
- ?? **CERTEAU**, Michel de. A CULTURA NO PLURAL. Ed. Papirus, SP, 1995.
- ?? **CNBB**. POR UMA TERRA SEM MALES (MANUAL CF-2002). Ed. Salesiana, SP, 2001.
- ?? **CUCHE**, Denys. A NOÇÃO DE CULTURA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Edusc, SP, 1999.
- ?? **CUNHA**, Manuela Carneiro da. ANTROPOLOGIA DO BRASIL. Ed. Brasiliense/Edusp, SP, 1986.
- ?? **GIRALDIN**, Odair. CAYAPÓ E PANARÁ. Ed. Unicamp, SP, 1997.
- ?? **HOEBEL**, Adamson e **FROST**, Everett. ANTROPOLOGIA CULTURAL E SOCIAL. Ed. Cultrix, SP, 1976.
- ?? **JECUPÉ**, Kaka Werá. A TERRA DOS MIL POVOS. Ed. Fundação Peirópolis, SP, 1998.

- ?? **LABURTHE-TOLRA**, Philippe e **WARNIER**, Jean-Pierre. ETNOLOGIA-ANTROPOLOGIA. Ed. Vozes, RJ, 1997.
- ?? **LARAIA**, Roque de Barros. CULTURA: UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO. Jorge Zahar Editor, RJ, 1997.
- ?? **LESTRINGANT**, Frank. O CANIBAL: GRANDEZA E DECADÊNCIA. Ed. UnB, DF, 1997.
- ?? **LÉVI-STRAUSS**, Claude. ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL DOIS. Ed. Tempo Brasileiro, RJ, 1976.
- ?? **MELATTI**, Julio Cezar. ÍNDIOS DO BRASIL. Ed. Hucitec, SP, 1983.
- ?? **MONTEIRO**, John Manuel. GUIA DE FONTES PARA A HISTÓRIA INDÍGENA E DO INDIGENISMO EM ARQUIVOS BRASILEIROS. Ed. Fapesp/NHII-USP, SP, 1994.
- ?? **MONTEIRO**, Nilson. ITAIPU, A LUZ (Itaipu Binacional, Assessoria de Comunicação Social). Ed. Curitiba, 2ª ed, PR, 2000.
- ?? **MOTA**, Lúcio Tadeu. AS GUERRAS DOS ÍNDIOS KAINGANG. Eduem, PR, 1994.
- ?? **NOVAES**, Sylvia Caiuby. JOGO DE ESPELHOS. Edusp, SP, 1993.
- ?? **OLIVEIRA**, Roberto Cardoso de. A CRISE DO INDIGENISMO. Ed Unicamp, SP, 1988.
- ?? \_\_\_\_\_ e **RUBEN**, Raul (orgs). ESTILOS DE ANTROPOLOGIA. Ed. Unicamp, SP, 1995.
- ?? \_\_\_\_\_ . IDENTIDADE, ETNIA E ESTRUTURA SOCIAL. Bib. Pioneira de Ciências Sociais, SP, 1976.
- ?? \_\_\_\_\_ . O ÍNDIO E O MUNDO DOS BRANCOS. Ed. UnB, DF, 1964.
- ?? **POUTIGNAT**, Philippe e **STREIFF-FENART**, Jocelyne. TEORIAS DA ETNICIDADE. Ed. Unesp, SP, 1997.
- ?? POVOS INDÍGENAS DO PARANÁ. PARANÁ INDÍGENA (ASEAI). Em: <http://www.paranaindigena.com.br>
- ?? **RAMOS**, Alcida Rita. SOCIEDADES INDÍGENAS. Ed. Ática, vol 59, SP, 1986.
- ?? **RAMPINELLI**, Waldir José e **OURIQUES**, Nildo Domingues. OS 500 ANOS: A CONQUISTA INTERMINÁVEL. Ed. Vozes, RJ, 1999.

- ?? **REVISTA GALILEU.** O BRASIL MAL RESOLVIDO. Ed. Globo, Ano 11, edição 129, abril de 2002.
- ?? **RIBEIRO**, Berta G. O ÍNDIO NA CULTURA BRASILEIRA. Ed. Revan, RJ, 1987.
- ?? **RIBEIRO**, Darcy. CULTURAS E LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL. Educação e Ciências Sociais, vol II, nº 6, RJ, 1957.
- ?? \_\_\_\_\_ . OS ÍNDIOS E A CIVILIZAÇÃO. Cia das Letras, SP, 1996.
- ?? **ROCHA**, Everardo. O QUE É ETNOCENTRISMO?. Ed. Brasiliense, SP, 1994.
- ?? **SCHADEN**, Egon. “A religião Guarani e o cristianismo”, in, A POPULAÇÃO MISSIONEIRA: FATORES ADVERSOS E FAVORÁVEIS ÀS REDUÇÕES (ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL). Ed. La Salle, RS, 1983.
- ?? **SEMPRINI**, Andrea. MULTICULTURALISMO. Edusc, SP, 1999.
- ?? **WEBER**, Max. CONCEITOS BÁSICOS DE SOCIOLOGIA. Ed. Moraes, SP, 1989.